

Pe. ORLANDO GAMBI, C.Ss.R.

PADRE LUÍS  
GUANELLA

**O servo dos pobres**



**EDITORA SANTUÁRIO**

Aparecida-SP

REVISÃO: Elizabeth dos Santos Reis e  
Regiane Souza Camargo  
DIAGRAMAÇÃO: Simone A. Ramos de Godoy  
CAPA: Marco Antônio Santos Reis

---

---

Todos os direitos reservados à **EDITORA SANTUÁRIO** — 2004

---



Composição, impressão e acabamento:  
**EDITORA SANTUÁRIO** - Rua Padre Claro Monteiro, 342  
Fone: (12) 3104-2000 — 12570-000 — Aparecida-SP.

Ano: 2009 2008 2007 2006 2005 2004  
Edição: **10 9 8 7 6 5 4 3 2 1**

# SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	5
<b>1. Vida do Beato</b>	
<b>Padre Luís Guanella</b> .....	7
Os pais .....	7
A infância .....	14
No seminário .....	21
Filosofia e teologia .....	29
Padre .....	33
<b>2. Caminhos</b> .....	41
Prosto .....	41
Savogno .....	45
Turim .....	52
Trinitá .....	58
Traona .....	63
Olmo .....	68
Pianello .....	75
<b>3. O começo</b> .....	91
<b>4. Abrem-se os horizontes</b> .....	101
<b>5. Sem tempo de parar</b> .....	109
<b>6. Os pilares</b> .....	117

<b>7. Mais flores .....</b>	<b>127</b>
<b>8. Tempo de paz e de alegria .....</b>	<b>137</b>
<b>9. Igreja São José .....</b>	<b>149</b>
<b>10. Aprovação das Regras .....</b>	<b>157</b>
<b>11. Além fronteiras .....</b>	<b>171</b>
<b>12. Espiritualidade .....</b>	<b>199</b>
<b>13. Fim .....</b>	<b>177</b>
<b>14. Triunfo .....</b>	<b>189</b>
<b>15. Céu .....</b>	<b>219</b>
<b>Oração pela Canonização de</b>	
<b>Bem-aventurado Luís Guanella .</b>	<b>221</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>223</b>

## APRESENTAÇÃO

A mim valeu o esforço que fiz para escrever a vida do Beato Padre Luís Guanella. Ele foi o Fundador dos Servos da Caridade e das Filhas de Santa Maria da Providência. Escrevi sua vida com o intuito de fazer com que Deus seja glorificado pelo dom de sua vida e, ao mesmo tempo, com o intuito de mostrar que vale a pena trabalhar pelos pobres e marginalizados. Para ser dos pobres ele fez loucuras. Sem ser possuidor de dons extraordinários, tudo o que ele fez vai além do imaginável. Toda a vida do Padre Luís foi posta a serviço dos pobres, daqueles que ele chamava “os últimos”. Não é possível conhecer a vida desse homem sem se impressionar. Para ser dos pobres ele teve de ser extremamen-

te corajoso e ser homem de uma fé inabalável. Eu não saberia explicar o que ele conseguiu sem falar do quanto ele confiou na Providência de Deus e do quanto Deus foi pródigo em abençoá-lo. Numa palavra, tudo se explica pelo fato de ele ter encarnado em seu jeito de ser e de agir a bondade e o amor de Cristo.

Eu felicito os Padres e Irmãos Servos da Caridade e as Irmãs Filhas de Santa Maria da Providência por possuírem o espírito do Fundador que os anima, e por serem fiéis continuadores(as) de seu serviço aos pobres.

# 1. VIDA DO BEATO PADRE LUÍS GUANELLA

## OS PAIS

Lourenço Guanella e Maria Bianchi são os pais de Luís. Foram um casal modelo. Modelo não é o casal que não tem problemas ou que já tem solução pronta para todos os problemas. É aquele que, à luz da fé, se deixa iluminar; é aquele que na fidelidade se esforça de todos os modos para que os planos de Deus se realizem em sua vida; é aquele que não vê nada de impossível em tudo o que Deus pede; é aquele que ama em tudo o que faz. Felizmente ainda hoje há muitos casais que como Lourenço e Maria vêm no casamento um forte apelo de Deus à santidade!

Lourenço e Maria tiveram 13 filhos. Não foi com milagres que os filhos puderam crescer fortes e sadios. O pão na mesa custou muito suor de Lourenço, no campo, e muito cansaço de Maria junto às panelas. Lourenço costumava falar aos filhos que Deus é Pai para todos os homens. Dizia-lhes: “O Senhor Deus é bom Pai. Ele nunca nos abandona e não deixa faltar nada, sobretudo quando firmemente confiamos nele”. Mais tarde padre Luís confessa que essas palavras do pai, de confiança em Deus, deixaram marcas em sua vida. Veremos mais tarde que foi incrível sua confiança na Providência de Deus.

A sabedoria de Lourenço e de Maria na educação dos filhos não veio dos livros. Veio da vida. De fato, nada convence mais do que o testemunho. Lourenço era um homem de



caráter, firme e enérgico. Sua palavra valia. Por isso gozava de estima e não eram poucas as pessoas que vinham a ele para pedir conselhos e orientações. Não tinha nenhum título de grandeza, mas a natureza o dotou de bom senso e fez dele um homem de visão. Era hábito seu privilegiar os mais fracos e os humildes a ponto de, mais vezes, desafiar as autoridades. Era aferrado às tradições, íntegro e de convicções. Quando devia usar de autoridade fazia-o sem se exceder. Seu jeito de ser humano e justo fez com que ele ficasse durante 24 anos à frente do desenvolvimento da região como deputado e prefeito de Campodolcino.

Era homem de fé. Sua fé não se restringia à missa e às celebrações da liturgia. A oração do terço em família era coisa de todos os dias. Todas

as noites com presença de vovô Tomé recitavam salmos, liam os evangelhos e com atenção repassavam trechos da vida dos santos.

Lourenço foi sempre muito querido em Fraciscio e vizinhança. Quando morreu em 22 de janeiro de 1874, uma multidão chorou sua falta com uma tristeza do tamanho do mundo.

A mãe de Luís, Maria Bianchi, foi um encanto de mulher. Se fosse possível ver fotografias feitas por anjos, nós, deslumbrados, veríamos quão linda era sua alma! É certo que não se enganaria quem dissesse que ela se inspirara na casa de Nazaré para copiar o que pudesse e o quanto pudesse do amor de Maria por seu filho Jesus. Era simples e sem instrução. Agia com pulso, mas sem ser “durona”. Era de uma delicadeza e sensibilidade fora do comum. Eis o que Luís diz de

seus pais: “A Providência me deu pais tão virtuosos para infundir-me o espírito de trabalho e de sacrifício”. Vale a Maria o elogio que a Escritura faz da mulher: “Uma mulher diligente vale mais do que os corais. O marido confia nela e não precisa de despojos. Ela é como nave que traz o grão de longe” (Pr 31,10-31).

Na casa de Lourenço e Maria não havia abundância de bens. Havia abundância de paz. Sem dúvida, a paz, além de ser uma bênção, é o maior bem que podemos desejar neste mundo. Os filhos foram educados a se contentar com o que basta. Houve momentos em que as dificuldades pesaram. Entretanto, mesmo com o peso delas, todos sabiam amar a vida com todas as suas belezas.

Dizem que no lar o pai é a força que protege e a mãe é o amor que

faz com que a vida de todos seja felicidade. É verdade. Para o casamento os dois devem usar da cabeça e do coração. Se só um usa da cabeça, pode haver engano; se só um usa do coração, o amor pode ser pouco. Infeliz é o casal quando os dois deixam-se levar só por aquilo que os olhos vêem e os sentidos percebem!

Não são poucos os que dizem “sim” aos pés do altar no dia do casamento sem entender seu sentido. É daí que vem o fracasso de muitas vidas com imensas tristezas de ambos os lados. Lourenço e Maria construíram seu lar sobre a rocha do amor fiel e na fé. Por isso não houve vento que os abalasse nem dificuldade que os levasse a desânimos. Tinham por regra este pensamento: “Com Deus todo o bem é possível. Sem Deus nenhum bem permanece!”



*Casa da família Guanella, em Frascío - Itália*



## A INFÂNCIA

Luís foi o nono filho da família. Nasceu em Fraciscio, Itália, no dia 19 de dezembro de 1842. Nevava. No dia seguinte, apesar do frio, os pais levam o menino para batizar em Campodolcino, a três quilômetros de Fraciscio. Foi o padre Gaudêncio Bianchi, primo de Maria, quem o batizou na igreja de São João Batista. Quem quiser saber quanta era a alegria dos pais, imagine um dia de sol ou uma manhã de primavera! Lourenço e Maria antes de mais nada viam em cada filho que nascia um presente de Deus. Diziam: “Um filho é Deus que abençoa nosso amor e nada vale tanto quanto a alegria de tê-los”.

Contam da história antiga que uma senhora, pagã, mostrando os

filhos, disse aos que a cercavam: “Eis minhas jóias!” Coisa semelhante aconteceria na casa de Lourenço e Maria. De fato, nada os fazia mais felizes do que os filhos que Deus lhes enviava! Luís aprendeu junto de seus pais as mais belas lições de vida. Engana-se quem pensa que criança feliz é aquela que tem tudo. Não é. É aquela que é amada!

Luís não foi diferente das demais crianças. Foi um menino sapeca. Sabia fazer peraltices. As suas não foram poucas nem foram poucas as vezes que os pais o surraram. Queria ser igual à irmã Catarina durante o tempo de orações à noite. Mas, mais vezes aconteceu adormecer encostado nos joelhos da mãe.

Sempre mostrou muita afeição por todos os irmãos. Mas por Catarina ele tinha predileção. É que em tudo



ela lhe transmitia o jeito terno e carinhoso da mãe. Gostavam de brincar juntos. Mais vezes, amassando barro, imaginavam preparar alimentos para os pobres que vinham bater à porta de casa pedindo. Sem dúvida, esse modo de brincar prenunciava o que haveria de transformar-se mais tarde no que mais encanta em sua vida.

Uma coisa que Luís cedo aprendeu na família foi a generosidade. Nunca um pobre bateu à porta de sua casa sem receber alguma coisa. Aconteceu que houve vezes em que eles se privavam até do necessário para atender a quem mais necessitava. Sabiam que o Senhor julga os homens pelas obras de amor e nenhum bem que se faz aos pobres fica sem ser anotado no Livro da Vida.

Luís conta de seu tempo de crian-

ça. Um dia o cunhado, Guilherme Sterlochi, lhe deu uns trocados. A comunidade de Fraciscio celebrava a festa do padroeiro, São João Batista. Ao ouvir os sinos chamando para a igreja, Luís não quis entrar com a sacola de doces que tinha comprado. Procurou um lugar onde esconder a sacola. Ao colocá-la debaixo de um monte de lenha atrás da casa paroquial ouve um bater de palmas. Ao virar-se vê um velhinho que, num gesto de pedir, estendia-lhe os braços. Com a pressa de esconder os doces, Luís não deu atenção ao velhinho. Quando quis ver de novo o velhinho, não viu mais ninguém. O velhinho havia desaparecido como por mistério. Não importa que vejam neste fato um caso de imaginação. Só 20 anos mais tarde é que Luís fala dessa “visão”. Ele viu nela um sinal

de Deus. É verdade, Deus tem diversos modos de falar aos homens!

Luís era fácil em fazer amizades. Era muito querido dos amigos não obstante as pequenas e muitas encrencas que aconteciam entre eles. Catarina acompanhava-o e o ajudava a ser amigo, a respeitar, a manejar os modos, a medir as palavras e, sobretudo, a ser gente. Havia nele um instinto natural de liderança. Todos os colegas o respeitavam e se espelhavam nele até para momentos de oração, de reflexão e de boas obras.

Luís foi crismado em julho de 1849. A mãe o acompanhou na preparação para o sacramento. Foi uma experiência cheia de emoção. Ao falar ao padre João Lima de suas pequenas faltas ele se pôs a chorar. É que lhe imprimiram na alma uma idéia tal de pecado que ele passou a

crer que qualquer pecado era ofensa grave ao Pai do céu. O pároco, ao vê-lo em prantos, não se conteve. Riu. Depois para consolá-lo falou-lhe da infinita misericórdia de Deus.

O padrinho foi o Padre Lourenço Buzzetti. Que bom! Tudo o que viu nesse dia serviu para levá-lo a um forte desejo de mudança. Embora criança, compreendeu que a partir de então devia deixar o coração de portas abertas à luz. “Hei de fazer tudo para não desagradar a ninguém e muito menos a Deus!”

É difícil uma criança deixar seu jeito de criança para pensar como gente grande. Por isso, vira e mexe, Luís aprontava das suas. Não via perigo nas travessuras que fazia. Às vezes ia até a beira de abismos à cata de flores; às vezes pulava de alturas para voar como pássaros; às vezes

atirava-se às águas do moinho sem pensar que podia ser estraçalhado pelas rodas. Uma vez faltou pouco para não morrer sob as patas dos cavalos à chegada do correio. Até um incêndio na casa aconteceu. Era Luís brincando com fogo! Desta vez o castigo não foram apenas umas palmadas e puxões de orelha!...

Apesar das peraltices, Luís era um menino de coração bom. Gostava de prestar pequenos serviços. Um dia com oito anos ajudou alguns pastores na guarda do rebanho. Como paga lhe deram umas moedas. O pai, pensando que o dinheiro era cobrança, disse-lhe: “Filho, isto é coisa que não se faz”. Depois vai ter-se com os pastores e, desculpando-se diante deles, manda que Luís lhes devolva o dinheiro.

A primeira comunhão de Luís foi

numa quinta-feira santa. Foi um dia de céu. Não foi só ele que ficou deslumbrado. Ele estava consciente de que algo de importante estava acontecendo em sua vida. Sua primeira comunhão não foi só um encontro com Jesus. Foi uma fusão. Foi algo divino que o absorveu por completo. Nos momentos de recolhimento a que se entregara após a comunhão, sentiu no coração um impulso tão forte que o levou a uma espécie de enlevo, coisa que não é comum no coração de uma criança. Que é que ele teria dito a Jesus? Que é que ele teria ouvido de Jesus?

## **NO SEMINÁRIO**

Depois da primeira comunhão Luís começa a pensar seriamente em

ser padre. Esse pensamento não saía da cabeça. Não era obsessão. Era coisa bem diferente. Era uma voz que chamava, suave, mansa e insistente.

Engana-se quem pensa que criança não entende nada de tudo o que vê; engana-se quem diz que criança só entende de brinquedos; engana-se quem diz que criança não pensa. Luís, já antes da primeira comunhão, sentia no coração um profundo sentimento de compaixão pelos pobres. Sonhava fazer alguma coisa por eles. Catarina, intuindo os sonhos do irmão, um dia lhe diz: “Você vai ser padre”. “Como — disse ele — se somos pobres?”

O tempo passou. O sonho de Luís cresceu mais rápido do que o tempo. Já estava com 12 anos. O Padre Gaudêncio Bianchi, pároco de

Campodolcino, também conhecia os sentimentos e a vontade de Luís. Foi por ele que Deus ajeitou as coisas. Como promotor vocacional da diocese, Padre Gaudêncio conseguiu uma vaga gratuita para Luís no Colégio Gallio em Como.

Um dia quando Luís voltava do trabalho pulando morro abaixo, suado e de mãos sujas de esterco, o pai, sorrindo, lhe diz: “Escute, filho, eu tenho uma boa notícia para você. O Padre Gaudêncio conseguiu uma vaga para você no seminário”. Imaginem a alegria do menino Luís! Seus olhos, de tanto brilho, pareciam duas estrelinhas no céu! Entrou em casa cantando. Abraçou a mãe chorando. A notícia que o pai lhe deu valeu mais do que um presente de Natal! A irmã Catarina, sorrindo, lhe diz: “Viu? Você será padre de verdade!”



Agora não havia tempo a perder. Os preparativos para a partida foram rápidos. Luís não tinha muita coisa para levar. Tudo o que levou coube num saco. Que tristeza a hora da partida! Como dói a separação onde há amor! Foram muitas as lágrimas choradas. Foi um espinho a dor de cada lágrima!

Deixar a terra natal; ficar longe de papai e de mamãe; longe dos irmãos e dos amigos; deixar os brinquedos; não correr mais pelos caminhos dos montes; não ver mais as planuras do alto das montanhas; não correr mais pelos campos; não brincar mais nos riachos; não ver mais as águas do Rubbio; não ver mais o Gualdera e Fraciscio; não ver mais nada de todas as belezas que o cercavam, tudo isso significava para Luís morrer um pouco. De fato, não há neste mundo ne-

nhum modo de amar que não exija uma medida de dor!

Luís já tinha um irmão no seminário, o Lourenço. Foi com ele que partiu para Como no dia 4 de novembro de 1854. Em Como antes de mais nada os dois foram visitar o bispo Dom Romanó. Queriam, gratos, dizer-lhe um “muito obrigado” pela bondade e pela graça da vaga gratuita no Seminário.

O Colégio Gallio tem uma história. Era uma casa enorme com salas espaçosas e amplos corredores. Era um palácio. Lindo. Um luxo. Foi o cardeal Ptolomeu quem ofereceu o palácio para estudos de meninos pobres. Naquele tempo havia 40 meninos estudando.

Tudo o que Luís via em Como passava. O tamanho das ruas e praças, os imensos jardins, as luzes, os monumentos, os bares, os trajés, os milhares de pessoas transitando, o barulho, a linda

catedral gótica renas-centista, enfim, tudo parecia a seus olhos ser coisas de outro mundo. Luís estava encantado.

A vida no colégio é muito diferente da que se tem em casa. Aí tudo é marcado. Há horário para tudo. Longas horas de silêncio. Muito tempo para estudos. Disciplina rigorosa. Todo o mundo tem de andar na linha. Luís no princípio estranhou. Passou os primeiros meses sofrendo um pouco de tudo: de saudades, de solidão e, às vezes, até de desânimo. À direção do Colégio não foi fácil pôr o menino nos eixos; não foi fácil domar a natural vivacidade do menino e controlar seus ímpetos parecidos, às vezes, com rebeldia. Afinal, Luís deixa-se amoldar. Amolda-se não só no sentido de adaptar-se ao estilo de vida, mas, sobretudo no sentido de entender que a vida no

Seminário é um tempo de preparação com provações, sacrifícios e renúncias. Entendeu que ninguém entra no Seminário para ser padre por ser o melhor, mas para oferecer o melhor. Ah! Como lhe fizeram bem as lições que aprendera junto dos pais, e agora, junto dos mestres!

Quanto aos estudos, Luís não foi brilhante. Entretanto, seus esforços foram sem medida e sem medida foi também a dedicação que demonstrou em todas as matérias. Mesmo sem se revelar um gênio, todos puderam notar nele quanta era sua vontade de crescer e quanta era a persistência de seu espírito em deixar que a graça agisse em sua vida para que um dia seu sacerdócio viesse a ser, de fato, vida para os outros! Foi por esse caminho que Luís terminou com sucesso o colegial.

## FILOSOFIA E TEOLOGIA

Luís estava com 20 anos. É nessa idade da vida que os jovens cantam e se encantam. É nessa idade da vida que o barco de seus sonhos fica à deriva. É nessa idade da vida que o amor floresce forte em seus corações. Não há neste mundo quem não queira amar e ser amado. Quem não deseja amar não descobre o sentido da vida. Quem não deseja ser amado não entende o que é amor. É uma infelicidade reprimir o amor. É uma bênção sublimá-lo. É o caso de Luís.

É nessa idade de 20 anos que Luís começou seus estudos de filosofia e teologia no seminário diocesano. A Igreja e o Estado estavam em conflito. Apesar da dolorosa situação entre esses dois mundos, Luís não se deixou abalar. Doía-lhe ver a Igreja e o Estado em conflito. Dos dois lados

havia falhas. Da parte da Igreja, faltava presença. Da parte do Estado, só ódio e cobiça. Tudo isso repercutiu fundo também na vida do Seminário. Houve tempo em que muitos alunos tiveram de abandonar o seminário, indo para casa. Há os que foram para nunca mais voltar.

Não obstante a dimensão dos males, Luís se firmava cada vez mais no amor aos estudos e no apreço a sua vocação. Teologia, dogmática, moral, história e hermenêutica foram matérias que, ao mesmo tempo que enchiam sua cabeça de conhecimentos, faziam crescer em seu coração o desejo de um amor maior. Tudo era direcionado para o amor e o serviço aos pobres.

Os anos de estudos de Luís foram para ele um tempo de Pentecostes. Vejam. O reitor do Seminário era um

homem de Deus, o padre José Grandi. Os professores eram todos de primeira qualidade. Ótimos! Deus lhe deu a graça de ter como diretor espiritual o padre Gaudêncio Bianchi. Luís fala dele: “Era uma figura veneranda e de muita piedade. Era rico de espiritualidade. Era um carismático”. Junto de tais mestres, sem nenhum medo, pôde aprender a sabedoria dos livros e a sabedoria da vida!

Que admirável sua disponibilidade! Que esmero em burilar sua alma! Dificilmente dizia “não” a pedidos que lhe faziam. Gostava de servir. Deus preparava seu coração para o que dele iria pedir mais tarde.

Os superiores viram em Luís um líder. Além de aplicado, era pessoa de espírito aberto e de vida interior. Tinha horror à mediocridade. Mediocre é todo aquele que dá pouca importância às

coisas de Deus. Pelas aptidões que demonstrava foi-lhe confiada a difícil função de prefeito dos estudantes. Essa função custou caro! Ele encontrou dificuldades. Viu como era complicado e desalentador tratar com filhos de ricos!

Os trabalhos, o estudo, o acúmulo de ocupações, as preocupações e o peso da responsabilidade aos poucos minaram sua saúde. Veio o cansaço. Vieram sinais de tuberculose. Veio uma série de indisposições que o prostraram.

Refeito, no dia 8 de dezembro de 1863 Luís recebe das mãos de Dom Marzorati a tonsura e em 19 de janeiro de 1865 as ordens menores. Em 10 de junho de 1865 recebe as duas últimas ordens menores. No 3º ano de teologia pôde conhecer gente nova e fez muitos amigos. Entre eles estavam João Batista Scalabrini, ordenado padre em 1863, Dom Bosco e Dom



Orione. Deles aprendeu muito. Ele e João Batista um dia sonharam em ir para as Índias como missionários. Mas o bispo simplesmente lhes diz: “As Índias para vocês é a Itália!”

Encanta-se vendo o trabalho de Dom Bosco junto dos jovens. Do trabalho de Dom Bosco é que lhe veio a inspiração de pôr-se, amanhã, a serviço dos que ele dizia ser os “últimos”. Quem eram os últimos? Eram homens e mulheres de todas as idades, crianças de ruas, cegos, mudos, deficientes físicos, mentais, enfim, os excluídos. Deus manda, e não quer que toda essa gente seja amada com um amor qualquer!

## **PADRE**

Nas férias Luís ajudava em Prosto.

Aproveitava o tempo livre para dedicar-se ao apostolado. Lia livros de história e da vida dos santos. Gostava de botânica. Chegou a dar palestras sobre o assunto. Via nas coisas da natureza, nas plantas, em tudo, a prodigalidade de Deus. Dizia: “Tudo o que existe é pura bondade de Deus!” Todos os fins de semana ia a Prosto. Adorava dar catequese para crianças e adultos e viver no meio do povo.

Fazia de tudo para tornar interessante a palavra de Deus. Aconteceu mais vezes de andar 20 quilômetros a pé. Primeiro porque queria fazer exercício e depois porque era muito querido em Prosto. A caminho, nas conversas, fazia apostolado da forma que lhe era possível. Ao voltar para casa cuidava para não incomodar ninguém. Preferiu muitas vezes dor-



*Pe. Luís Guanella no dia da Primeira Missa*



mir no barracão onde guardavam o feno a ter de acordar alguém.

Uma vez em Prosto conheceu um deficiente mental. Era um trapo de gente. Ao vê-lo, não resiste. Leva-o ao Cotelengo para ser atendido. Em Turim faz amizade com Dom Bosco e Cotelengo.

Nos anos de 1865 e 66 a crise entre a Igreja e o Estado tomara proporções de assustar. Foi nesse tempo que Luís recebeu a ordem do subdiaconato e do diaconato.

Vendo aproximar-se o dia da ordenação sacerdotal, fica preocupado. A família não estava em condições de fazer uma festa bonita. De mais a mais, em toda a parte havia o inferno de agitações, de greves, de violência e de desrespeito à Igreja e ao clero. Nesse quadro, escreve ao pai: “O padre Luís del Curto deseja

vir a Como. Convidou-me para celebrar a primeira missa em Prosto no dia do Corpo do Deus. Na ocasião ele irá oferecer um almoço aos padres e hóspedes que vierem”.

Apesar da crise, Luís é ordenado padre em 26 de maio de 1866. Tudo aconteceu num ambiente reservado sem a mínima solenidade externa. A cidade estava tumultuada. Entretanto nada disso o perturba. Antes tudo faz crescer a paixão de seu sonho. Nunca esqueceu as palavras do bispo ordenante Dom Frascolla: “Ninguém é padre só para si”. Foi nesse dia também que ele, cantando aleluia, gravou no livro de seu coração este dístico: “Quero ser espada de fogo no santo ministério!”

A primeira missa de Luís foi rezada em Prosto no dia 31 de maio. Então, sim, houve uma festa de céu! Estavam pre-

sentes os pais, irmãos, parentes, amigos e muitos padres das paróquias vizinhas. Para esse dia o pai de Luís fez questão de enviar um saco de batatas escolhidas. Esse gesto significa a incomparável riqueza de Deus!





## 2. CAMINHOS

### PROSTO

O primeiro lugar de trabalhos de Luís foi a Prosto, onde ficou um ano. O bispo o destina a ser vigário coadjutor do Padre Luís del Curto. Del Curto era um sacerdote bom, mas um tanto acomodado e fossilizado. Achava que na paróquia nada podia ser melhor. Cria que suas realizações haviam atingido o máximo. Ninguém podia pensar em fazer coisa melhor.

Luís chega esbanjando entusiasmo. Era jovem. Era ousado. Já era conhecido em Prosto devido aos trabalhos que aí fazia, vindo de Como, em fins de semana e em tempo de férias. Com seu jeito de ser, sua sensibilidade e prontidão em servir, já ti-

nha ganho o coração do povo. Era um empreendedor. Rico de iniciativas. Seu coração era porta aberta: às vezes, era sala de visita e, às vezes, era consultório para curar angústias e tristezas. Tentou criar com os jovens uma comunidade de fé e inculcar-lhes noções claras sobre o valor e a dignidade da pessoa humana. Dizia: “Ninguém é pouca coisa aos olhos de Deus!”

Falava do que todos sabiam, mas de um modo diferente. Afirmava que religião de aparência não convence. Doía-lhe fundo no coração ver a miséria material e a indignidade moral em que muitos viviam. Estava certo de que a ignorância e a miséria não eram fatalidade. Eram frutos de omissões e de injustiças.

Abre escolas para crianças, jovens e adultos com aulas de trabalhos no

campo, de história e sobre os valores humanos. Seu trabalho de cada dia foi pôr óleo na chama para avivar a esperança. Com isso, ele fez do inverno de muitas vidas um tempo de primavera!

Tinha língua solta contra as injustiças! Era “espada de fogo”. Tudo o que fez pelos pobres significou mexer em caixa de marimbondos. Daí vieram as picadas! Apareceram os do contra, dentro e fora da Igreja.

– “Esse padre é um revolucionário. “É um “cabeça quente”. “É um pregador de ilusões!” Até o pároco, em vez de apoiá-lo, ironizou, dizendo:

– “Ele pensa que vai reformar o mundo”.

Em julho de 1866 sai uma lei do Parlamento privando todas as associações religiosas da personalidade

jurídica. Luís não se cala. Grita. “O caso é ferida a ser curada!” Os infelizes eram multidões sob um mundo de desgraça física, psíquica e moral sem que ninguém se interessasse por eles. “Eles — os últimos — precisam de amor e afeição.” Foi então que Luís entendeu mais claramente o que Deus queria dele!

Muitas vezes Luís visitou o Cotelengo em Turim. Lá aprendeu muito. Por que não fazer coisa semelhante aos pobres de Prosto? Por que não podem acontecer em Prosto os milagres que aconteciam no Cotelengo? Seria ilusão?

Sempre devemos aceitar que Deus possa pedir de nós o inesperado. Isso aconteceu com Luís. De repente, sem que esperasse, chega a notícia de sua transferência. Só Deus sabe o que passou pela cabeça de Luís! Certamente ele se lembrou da

parábola do homem inimigo que, de noite, semeou joio no meio do trigo!

Luís foi transferido para Savogno. Um pouco de ciúmes, um pouco de intrigas e um pouco de muitas outras coisas ruins foi o que levou o pároco del Curto a tramar a transferência de Luís. Embora surpreso, Luís não fez de sua transferência uma tragédia. Antes fez dela uma norma de vida para si, esta: “Por Deus qualquer lugar é o melhor!”

Sai de Prosto sem se despedir. Por tudo o que realizara em Prosto bastava que os anjos do céu tivessem escrito seu nome no Livro da Vida!

## **SAVOGNO**

Savogno é mais um trecho dos caminhos de Luís. Era um lugarejo com

apenas 400 habitantes, encravado no pico de uma montanha. O caminho para o alto era uma escada de mil degraus. Tudo o que Luís pôde levar consigo, ao partir, coube num saco. Se não fosse por amar dificilmente um padre ficaria ali. Savogno só se tornou paróquia 20 anos depois.

A presença do padre despertou logo a curiosidade do povo. Felizmente a notícia das mil coisas boas que realizara em Prosto chegou em Savogno bem antes dele.

Luís em vez de lamentar-se põe-se logo a trabalhar. Arregaça as mangas. Faz de tudo. É servente. É pedreiro. É pintor. Amplia a igreja. Reza. Canta. Brinca. Sua maior preocupação era aproximar-se do povo. Vendo que o padre se interessava por todos em tudo, o povo passou da curiosidade à admiração.

Organiza mutirões. Em pouco tempo a praça fica uma beleza. Até o cemitério mudou de cara. Ficou lindo, com flores, caminhos e bosques. O entusiasmo, de pequena chama que era, virou incêndio. Mulheres passam a ser assistidas; partem para a construção de casas e abrigos para ambulantes pobres; abrem-se escolas para crianças e adultos. O assunto das conversas e pregações de Luís era este: “É preciso ser adulto, crescer, amadurecer!”

De onde vinha o dinheiro para tantas realizações em Savogno em tão pouco tempo? O cofre de Luís era a Divina Providência! Está certo quem disse: “Crer na Providência de Deus significa crer que Deus nunca falha!” Depois que fervor em falar de Jesus na Eucaristia! Que amor em falar de Maria! Gostava de apresen-

tar Maria às mulheres de Savogno como mulher santa, forte, sofredora e de uma fé inabalável.

Referindo-se às atitudes de Luís um amigo seu disse: “O mundo pode caminhar sem doutrina. Sem bondade, porém, nunca!”

Em que parte do mundo pode não haver pessoas mal intencionadas? Pois é, em Savogno havia também desse tipo de pessoas. Demagogo! Esse é o nome que muitos, até gente de igreja, lhe deram. As autoridades civis bolaram uma lei que confiscava os bens eclesiásticos. Como se tal medida não bastasse, o prefeito de Sôndrio chegou ao cúmulo de proibir o ensino religioso nas escolas.

Isso deu início a uma enorme confusão. E mais: a confusão aumentou quando Luís publicou um livrinho: “Ensaio de aviso às famílias especi-



almente ao povo do campo”. O “Ensaio” foi dedicado ao bispo de Como, Dom Pedro Carsana. Vejam o incrível: o bispo, para tomar posse de sua diocese, teve de pedir permissão e de esperar pelo consentimento das autoridades civis!

O livro foi água na fervura. Luís o escreveu com o intuito de conscientizar o povo. Daí partiram para dizer que ele era um homem de “princípios hostis às instituições nacionais e à unidade da pátria”. É verdade que Luís se excedeu um tanto nos modos e nas palavras. Mas isso se entende. As injustiças saltavam aos olhos e as autoridades não faziam quase nada pelo social, pelos material e espiritualmente pobres. Assim fica claro que, no caso, ninguém iria oferecer rosas e flores à polícia e às autoridades!

O livro despertou as emoções. Vem à tona tudo: as decisões do Concílio Vaticano I, o dogma da infalibilidade do Papa, a tomada de Roma e o fim do poder temporal do papa. A maçonaria proclama um anti-Concílio em Nápoles. O laicismo nega todo o bem que a Igreja fez ao mundo por séculos. Acusa e critica.

Luís não foge de cena. Explica o que significa ser apóstolo. Até padres “pacifistas” se voltam contra ele. Chamam-no “maluco!” Mas, corajoso, dizia: “Separação do Estado e Igreja não pode significar prisão da Igreja em quatro paredes da sacristia”.

Os garibaldinos pintaram o “diabo”: cardeais e bispos são afastados de suas sedes e exilados por não aceitar um Estado anticlerical. “É injusto ter de aguardar o “placet” de políticos para que bis-

pos e cardeais possam tomar posse de suas dioceses!”

Afinal, Luís pensa em sair de Savogno depois de viver aí 8 anos. Não foram as dificuldades que o abalaram. Apesar dos imensos obstáculos ele não descarta suas obrigações sacerdotais: dedica-se como se tudo estivesse andando às mil maravilhas, promove vocações, procura formar consciência de comunidade, incrementa a espiritualidade para uma vida de oração e de união com Deus. Era um desafio o que ele dizia em alto e bom som: “Não há quem não seja importante aos olhos de Deus!”

Um pensamento o angustia: Se eu sair de Savogno, quem cuidará dos “últimos”? Será que é isto que o Senhor quer de mim? Reza. Pede luzes. Aconselha-se. Dos sacerdotes

que o escutam, uns lhe dizem: coragem! Outros, loucura! No meio de tamanha confusão, vai ter-se com Dom Bosco e Orione em Turim. Vê no trabalho dos dois coisa parecida com o que ele queria fazer pelos pobres de seus sonhos, os “últimos”.

## **TURIM**

Luís está com 32 anos. Depois da morte do pai em 22 janeiro 1874 pede ao bispo transferência para Turim. Consegue. Mas, o bispo lhe impôs uma condição: arranjar um substituto. Dom Bosco resolve-lhe o problema. Envia o padre Michele Salas.

Luís crê então que seu sonho se realizava. Mas já em dezembro do mesmo ano, 1874, o arcebispo de Turim, Dom Gastaldi, escreve ao bispo de Como, Dom Carsana, dizendo: “Avi-

se o padre Luís que ele não terá jurisdição em minha diocese”. Esta decisão do arcebispo não foi ducha fria. Foi espinho! Até Dom Bosco se chocou com a notícia. Depois ele faz o que Deus lhe inspira.

Há uma sentença que diz: “É por meio de amigos que Deus costuma conceder graças e favores”. Dom Bosco foi um desses amigos ao dizer a Luís na ocasião: “Fique tranqüilo! Calma! Procure pôr seus negócios em dia e venha depois morar conosco!”

Mal se inteira do que diz Dom Bosco, Luís se pergunta: Por que estar com Dom Bosco? Quantos seriam excluídos de meu zelo? Que será feito dos infelizes de Savogno? E os planos de Deus, como ficarão?

Luís adorava o povo de Savogno. Entretanto a voz de Deus soa mais for-

te dentro dele. Nem os coirmãos podiam entender a decisão que tomara de abandonar Savogno. Luís só pôde achar uma explicação a ser dada: “É a Divina Providência que me chama a Turim. Seja o que Deus quiser. Adeus”. Não quis despedida. Dom Bosco lhe restituiria a coragem.

Dom Bosco foi homem de uma ousadia fora do comum. Rompeu de vez com os cânones tradicionais da Igreja na educação da juventude. Quis mais abertura. Introduziu inovações que despertaram assombro. Queria principalmente para os jovens uma vivência da religião mais alegre, com menos medo, que deixasse cantar, pular, rir, brincar e usufruir livremente de todas as belezas da vida. Introduziu os “oratórios” que até hoje, somados, reúnem milhões de jovens no mundo inteiro.

A hierarquia não viu nenhuma dessas inovações de Dom Bosco com bons olhos. Para Dom Gastaldi, de Turim, as inovações foram um “Deus nos acuda!” Assim, embora admirasse o trabalho de Dom Bosco, resolveu puni-lo. Então em 1874 tira todas as faculdades, favores e privilégios concedidos aos salesianos por ele e por seus antecessores. Dom Bosco mantém-se calmo. Não se apavora. Com seu conselho decide fundar uma casa fora, na Argentina, em Arrojos.

É nesse tempo que Luís chega a Turim, 1875. É recebido com festas. Após os primeiros contatos atira-se logo aos trabalhos. São-lhe confiados diversos encargos. Dentro de pouco tempo ganha a simpatia dos jovens. Mas a dúvida permanece: “Seriam estes os últimos?”

É de São João da Cruz a beleza desta sentença: “Quanto mais amamos a Deus, mais Ele nos faz desejar”. É certo que o amor de Luís não era um amor de meias medidas!

O trabalho de Luís entre os jovens deixou Dom Bosco tão satisfeito que ele decide promovê-lo. Confia-lhe a direção do oratório São Luís com 300 alunos. Na igreja dedicada a S. João Evangelista, Luís prega durante a semana e dá cursos em diversos institutos da cidade. Afinal Luís acaba concluindo que de tudo o que fizera até então nada era diferente do que ele fazia em Savogno. Isto o perturba, e reza: “Senhor, que eu veja!”

Conversa com o Padre Felipe Mariani, um amigo de Como, sobre suas dúvidas. Afirma que sempre quis ser missionário para fazer “al-



gum bem". "Estou com os salesianos e foi-me proposto ir para a Argentina. Não sei o que dizer. Sinto-me bem com Dom Bosco, mas... Reze por mim".

Ainda em dúvida, faz profissão dos votos por três anos. Dom Bosco orienta-o como agir, pregar, atrair os jovens, etc. Não aceita ir para a América. Espera que tudo se esclareça. Preocupa-se com as vocações, relação sobre vocações. Dom Bosco o apresenta ao Papa que o abençoa, dizendo: "Deus não falhou nem falhará".

Em 1876 padre Del Curto faz 25 anos de padre. Apesar do que este lhe fizera no passado em Prosto, padre Luís o cumprimenta e lhe conta como vive com os salesianos. Entretanto, ele vê que nem o carisma de Dom Bosco o fazia esquecer o ideal de fazer algum bem: os "últimos!"

## TRINITÁ

Dom Bosco, também homem de visão, abre um oratório em Trinitá, perto de Mondovi. Sem duvidar é a Luís que ele confia a direção do oratório. Conhecia de sobejo as aptidões e a capacidade de Luís. Para confirmá-lo improvisa, brincando, uma cerimônia: Vai e coloca na cabeça de Luís o barrete como a dizer: “Você é o patrão!”

Trinitá não era cidade de fervor. Era conhecida por sua frieza e indiferença. Faltava-lhe alguém para pôr óleo na chama para que a luz da fé não se apagasse de todo. Ao ver as maravilhas que aconteceram na cidade, Dom Bosco classificou de milagre o fato de Luís ter despertado a fé no coração do povo. Tem mais: O que Luís conseguiu realizar no meio de 300 jovens foi tam-

bém um fragoroso sucesso. E Dom Bosco, feliz, dez vezes cantou: Aleluia! Bendito seja Deus!

Luís entendia também de administração. Dom Bosco não duvidou em confiar-lhe os negócios da congregação. Entradas e saídas, formação, estudos, observância das regras, etc. tudo ficou em suas mãos. Se já era grande a admiração de Dom Bosco por Luís, agora ele passou a admirá-lo mais à vista de seus trabalhos, e, sobretudo, de sua espiritualidade. Pena que muitos nem sempre tenham sabido compreender Luís nem perceber o espírito que agia nele!

Entretanto, mesmo assim, indo tudo tão bem, Luís não estava contente consigo mesmo. Não lhe saía da cabeça o cuidado dos “últimos”. Um dia, por esse motivo ele vai ter com Dom Bosco e lhe expõe o desejo de

voltar para Como, sua diocese. Dom Bosco não fica decepcionado. Apenas não quis perder elemento tão valioso para a congregação. Fez de tudo para segurá-lo. Chegou até a convidá-lo para uma fundação na América. Luís recusa. Não deu certo também a contraproposta que Luís lhe fez de fundar uma casa em Como. Os dois não queriam separar-se, mas quando o amor chama não há força que segura!

Em 1788 Dom Bosco resolve convocar o 1º Capítulo Geral da congregação. Luís participa. Durante o capítulo fala do que significou para ele o tempo que viveu na congregação; do quanto aprendeu; do quanto se edificara com o testemunho de serviços e de amor aos pobres; do quanto lhe fizera bem o espírito de oração, de comunhão e de fraternidade que havia na congregação.

Após o Capítulo Luís volta para Trinitá. De repente uma série de acontecimentos veio juntar-se a suas angústias. No mês de janeiro a família o chama com urgência. A mãe está mal. Um ataque de apoplexia a inutiliza. Já em fevereiro chega a notícia da morte de Pio IX, o Papa da Imaculada Conceição de Maria, da infalibilidade do papa e da restauração da disciplina na Igreja. Seu pontificado foi marcado por um turbilhão de fatos dolorosos. Foi o homem mais amado e mais odiado de seu tempo. Para uns, ele foi um santo; para outros, o diabo.

Volta a angústia no coração de Luís. Como se isso não bastasse o bispo pede sua volta a Savogno. Em 1º junho ele escreve a Dom Bosco: “O bispo pede minha volta à diocese. Penso que o Sr. deve ser informado. Minha pessoa está em vossas mãos

(Bispo e Dom Bosco). Ao bispo escreve: “Gostaria que Vossa Excelência falasse com Dom Bosco para que eu possa sentir-me seguro e descobrir o que devo fazer”.

Dom Bosco insiste com Luís para permanecer na congregação. “Não nos abandone – pediu – fale com Jesus Crucificado!” Em seguida propõe ao bispo enviar um padre para Savogno em lugar de Luís. Não deu certo. Que cruz, meu Deus!

Em setembro, terminado o tempo dos votos, Luís decide obedecer ao bispo. Dom Bosco ouve Luís falar dos motivos de sua saída da congregação: sua vocação aos “últimos”. Entre lágrimas, os dois se abraçam e se despedem. Diz um biógrafo que para Luís doeu mais separar-se de Dom Bosco do que a morte de seus próprios pais tamanha era a amizade que os unia!

## TRAONA

Luís jamais esqueceu o que Dom Bosco e a pequena Casa da Providência faziam em Turim. De volta à diocese, o bispo lhe oferece uma capelania em Traona. O pároco, padre José Bellieni, era um homem doente, paralítico. Luís expõe logo ao bispo seu desejo: cuidar dos “últimos”. O bispo, seco, lhe diz: “Veja, que não seja só fantasia!”

Além da fria recepção do bispo, o padre Bellieni também o recebe mal dizendo que não precisava de coadjutor. Do lado do bispo, secura. Do lado do pároco, rejeição. Se Luís não tivesse, na fé, a certeza de que Deus o chamava para o serviço aos “últimos”, já de há muito teria mandado tudo às favas. Cães furiosos querendo morder-lhe as pernas não

teriam causado mais dores do que o modo como o tratavam! Mesmo assim, às escuras, Luís não perde a paz. Dos muitos pensamentos que então lhe vieram à mente, certamente um foi este: “O trigo não se importa de ser moído se ele vai ser pão!”

Em Traona as dificuldades se somaram a muitas outras. Padre Bellieni não suportava ver Luís no meio de crianças e de jovens, atraindo, e menos ainda, abrindo oratórios e escolas festivas para o povo. “É preciso pôr um fim às idéias loucas deste intruso!” E Bellieni, sempre azedo, não pára nas críticas. Vai além. Chegou mesmo até ao cúmulo de denunciar Padre Luís ao prefeito de Sôndrio. O conselho municipal, maldoso e malicioso, procura ajeitar a situação a seu modo. Propõe logo a Luís cuidar da igreja de S. Francisco para recolher meninas.



Luís não deixa a proposta sem resposta e diz: “Eu poderia começar o trabalho, mas como?” O bispo em carta pediu ao prefeito uma ajuda a Luís para que ele e a obra pudessem manter-se. O prefeito em tom deboche disse ao bispo: “A conversa deste padre não é nada mais do que papo furado”. Houve até padres que disseram a mesma coisa a Dom Carsana, e disseram mais: “Ele é um maníaco. É preciso que Vossa Excelência se livre dele, e logo!”

Luís finge não perceber o que diziam dele. Ele tinha em mente realizar o bem que Dom Bosco fazia ao povo em Turim. Por incrível que pareça, quanto mais o ridicularizavam, mais Luís se firmava no ideal de amar e de servir aos mais aos pobres e marginalizados.

Em 2 de novembro, num domingo, a situação piora. Luís estava em plena atividade no oratório com jovens e crianças. Padre Bellieni celebrava a missa pelas almas. De repente, tomado por uma crise de fúria, desce do púlpito e com berros interrompe o oratório. Essa atitude de Bellieni foi um desastre. O fim dessa história foi o caso ir até a prefeitura e estender-se até 1880! Afinal Padre Bellieni resolve deixar a paróquia, e Traona fica entregue aos cuidados de Luís.

Não demorou Luís escreve um opúsculo: “Vamos ao Pai”. O opúsculo continha reflexões e palavras às famílias. Pouco se importou com os mal-entendidos que houve. Na verdade o opúsculo não continha incenso! Era chumbo e sal! É compreensível também que Luís com o “Vamos ao Pai” não quisesse oferecer um pote

de mel a certa classe de pessoas do lugar!

Com o ideal de pôr-se exclusivamente a serviço dos “últimos”, Luís pede ao bispo um outro padre para a paróquia e sugere um, o padre Nicolau Silvestri. Daí nasce um mundo de suspeitas de todos os lados. Os liberais tramam e maquinam. O prefeito de Sôndrio é levado a cortar o auxílio que cabia ao padre Luís como coadjutor e põe gente para controlar seus sermões. Era só o que faltava! Depois faz correr pela cidade, de boca em boca, este pregão: “Luís quer encher toda a Província de padres e freiras!”

Incrível! Até a cúria aceita as acusações e resolve mandar Luís para um lugar “mais tranqüilo”, Olmo. Os protestos dos pobres e das pessoas de bem deram em nada. Assim em 2 de

julho de 1881, Luís deixou Traona. Não sei quem disse, mas é verdade: “Por Deus ninguém sofre à toa”. E mais: Nas coisas de Deus os sofrimentos, por mais dolorosos que sejam, são bênçãos!

## OLMO

A caminho de Olmo Luís passa por Gravedona para uma visita ao primo Padre Buzetti. Este o acolhe e o tranqüiliza. Depois Padre Buzetti convida Luís para ficar com ele na paróquia como coadjutor para serviços sociais. Luís recusa: “Infelizmente não dá!” Em agosto chega a notícia da transferência definitiva de Luís para Olmo. Olmo era a última paróquia da diocese. Com o envio de Luís para Olmo seus inimigos vibraram. Soltaram foguetes. Diziam: “Oba! Acertamos na mosca!”

Com lágrimas e profunda tristeza, Luís deixou a companhia do primo rumo ao exílio. Sem dúvida, sua maior culpa foi o fato de ter sido sempre um “inimigo acérrimo do liberalismo”. Que série de contratempos na vida de Luís! Que caminhos doídos! Que é que ainda faltava para levar Luís ao desânimo? É de muita espiritualidade esta sentença: “Quando o amor é grande nenhuma dor nos desespera”. É o caso de Luís. Precisamente quando ele estava tentado a dizer “fracassei” é que o céu lhe deu um sinal: morre o padre Carlo Coppini.

Coppini era o diretor assistente de um abrigo de orfãzinhas dirigido por um grupo de senhoras piedosas em Pianello. Luís ouve uma voz interior que lhe diz: “Tu serás o seu sucessor”.

Um dia em conversa com o bispo,

Dom Carsana, Luís diz que alguém lhe dera a sugestão de substituir o Padre Coppini na direção do asilo. A conclusão da conversa foi o bispo falando a seus botões: “Com Luís não tem jeito. Ele quer fazer o bem a seu modo. Que o Senhor o abençoe!”

Diante do impasse Luís teve a idéia de voltar para Dom Bosco, mesmo com desgosto e desprazer do bispo. Um dia o bispo estava em Campodolcino para crismar. O bispo recebe todo mundo, menos Luís, e quando o recebe, o faz sem nenhum sinal de amizade. Luís nem soube como se expressar. Reza. Foi este momento de oração que o preparou para ouvir com humildade as palavras do bispo no final do encontro: “Luís, se pudesse eu o suspenderia. É que me faltam argumentos para fazê-lo!”

Quem é de Deus nunca está só. Luís tinha muitos amigos e admiradores. Um deles era o padre Silvestri, pároco de Traona. O Padre Silvestri numa visita ao bispo aproveita para dizer-lhe: “Excelência, andei pensando em pedir o padre Luís para meu coadjutor. Que acha?” O bispo foi taxativo: “Negativo! Pense em tudo, até no diabo. Menos nisto!”

Nessas alturas Dom Bosco já tinha recebido carta de pedido de Luís para retornar aos Salesianos. O termo da resposta foi este: “Ficamos contentes por saber do que você deseja, mas pedimos o seguinte: deixe em ordem os negócios na diocese e venha disposto a submeter-se à obediência”. A resposta de Dom Bosco “continha algo que impedia Luís de realizar seu sonho”.

Ficou tudo na mesma até que o bis-

po propõe a Luís que fosse para Pianello. Luís aceita, mesmo sabendo que o tinham, o bispo também, como volúvel e meio louco!





*Panorama de Pianello Lario - Itália*



## PIANELLO LARIO

Nem sempre dá para entender o modo que Deus tem de fazer com que as coisas que ele quer aconteçam. A morte do Padre Coppini foi uma revelação.

Um dia o bispo, em conversa, oferece ao Padre Luís a capelania de Pianello. Luís, responde: “Aceito, Excelência, mas com uma condição: que eu possa continuar aí a minha obra”. Luís não se importava que o tinham como pessoa em quem não se podia confiar e como pessoa de “cabeça quente”.

Ao sair de Olmo toda a sua mudança coube num carrinho! Quis passar por Traona para rever os amigos e lembrar os trabalhos que aí realizara. Quis lembrar também o tempo e as experiências feitas com o Padre Silvestri.

Já era noite quando Luís chegou a

Pianello. Conforme instruções recebidas, procurou a empregada do Padre Coppini, a velha Martina. A cidade dormia. Martina não ouve as batidas de Luís à porta. Alguém então, um velhinho, vem e bate na porta com uma pedra. Não foi com cara de anjo que Martina apareceu para atender! Luís não levou a mal a recepção sem modos que Martina lhe fez. O modo como foi recebido nada mais foi do que o desfilar de mais uma conta do terço doloroso de sua vida...

No dia seguinte, mesmo como estranho, Luís se mostra alegre e cordial. Porta-se com humildade e simplicidade. Para a missa compareceram apenas algumas Irmãs. É certo que as Irmãs perguntavam si mesmas: “Será este o padre que vai substituir nosso santo?”

Para o almoço Martina vem e pergunta ao Padre Luís: – “Que é que o senhor quer para o almoço?” – “Faça o que você fazia para o padre Coppini”. O almoço daquele dia foi polenta com um pouco de queijo. Ainda à mesa, batem à porta. Visitas. Eram as autoridade locais e civis, o presidente da câmara entre outros, e o Padre Musso que substituíra o padre Coppini. Vieram sondar o terreno. É que alguém já havia feito a “caveira” de Luís mais ou menos com estes termos: “É um caipira com maus jeitos que não inspira confiança e que, por enquanto, deve ser visto só de longe”.

Luís podia ser tudo, menos ingênuo. Por isso perante visita tão “amiga” e tão inesperada age com extrema prudência. Cuida-se para não melindrar e conter os ímpetos. Só aos poucos é que

pôde superar um certo receio. O padre Musso gostava de ser tido e chamado como diretor e protetor do orfanato em lugar do padre Coppini.

Luís ardia no desejo de conhecer o abrigo. Evita. O bispo já lhe havia dito que deixasse o abrigo aos cuidados só das senhoras e que as deixasse trabalhar em paz. Assim foi por alguns meses.

Mas um amigo, o pároco de Dongo, padre Carlo Dell' Oro, conseguiu atenuar e mudar um pouco o clima de desconfiança que havia. Em carta, ele diz ao bispo: "Está havendo um engano. Padre Luís não é um teimoso. É um homem de bom senso, cheio de bondade e de sabedoria".

As Irmãs também estavam de olho nele. Aos poucos passam a conhecê-lo e a estimá-lo. Irmã Marcelina, diretora do abrigo, acaba dizendo as

coisas mais bonitas sobre o testemunho do padre Luís, de sua bondade, de sua disponibilidade e de seu espírito de pobreza. Sobre a pobreza, assim fala a Irmã: “Um dia ele chegou de viagem quase morto de cansaço e em jejum. Contentou-se com o que havia. Comeu apenas um pouco de salada sem tempero e polenta. Só isto!”

Em 10 de junho de 1882 Luís, por intermédio do padre Dell’ Oro faz um pedido a seus superiores. Quer que lhe seja dada a oportunidade de poder efetivar a sua vocação: “Ou uma instituição embora mínima segundo o espírito de Dom Bosco ou de Cotolengo ou as missões estrangeiras, ou o retorno a Dom Bosco”. Luís esperava muito de Pianello. Sonhava uma completa reviravolta em sua vida. Dizia: “Quero viver minha

vocação. Não importa quanto há de ser o número e o peso de minhas cruzezes” .

Dar tempo ao tempo é sabedoria. Nesse ponto Luís era especialista. Não deixava o tempo passar à toa, no vazio. Agora mais do que nunca ele se empenha em preenchê-lo no apostolado. Vive um programa intenso na fé. Todas as manhãs, bem cedo, já estava na igreja. Visitava as famílias e os doentes. Dava catecismo a crianças e adultos. Visitava as escolas. Atendia confissões. Todas as noites convocava a comunidade para a oração do terço e leitura da vida dos santos. Promovia celebrações da penitência e do perdão. Desenhava. Criou horas e momentos de diversões e de lazer para fomentar o espírito de família e de fraternidade. Com inclinação ao estudo e às letras vê na im-



prensa uma força de evangelização. Por isso, escreve diversos opúsculos e pequenas vidas de santos, de São Francisco, de São Gotardo e de outros santos.

As atitudes de Padre Luís, de oração e de serviços, fazem lembrar o que alguém escreveu no livrinho de anotações: “A dor, se é aceita com amor, redime!” Fazem lembrar também a Escritura que diz: “um copo d’água não ficará sem recompensa”. Ora, se um copo d’água não fica sem recompensa, qual há de ser a recompensa de quem tem a vida cheia de atos bons?! Contam de um ateu que vendo o carinho com que a Irmã enfermeira cuidava dele e dos doentes um dia lhe disse: “Irmã, sempre me tive como ateu. Mas a partir de hoje eu creio que Deus existe e que este Deus é amor!”

Vejam. Em 1882 um decreto real revoga a injustiça do prefeito de Braganze que, em 1880, privou Luís dos honorários de seu ministério em Traona. Para Luís esse fato foi um sinal de esperança nos homens!

É 1883. Luís ainda está incerto do que seria sua vida. Não tinha ainda nenhum poder sobre o asilo. Continua seu apostolado na paróquia. Além disto ajuda em Morbegno, em Dongo, em Cremona e em Ardenno, paróquia de seu irmão Lourenço. O excesso de trabalhos foi minando sua saúde. Recebia pouco por tudo o que fazia. A quem perguntava quanto ganhava, a resposta era sempre a mesma: “Se aprendermos a viver mais da Providência do que do salário, estaremos melhor, o povo nos amará mais e faremos mais no meio dele”.

Dois fatos vieram mudar a situa-

ção de Luís em Pianello. 1) A renúncia do padre de Musso. 2) As Irmãs decidem confiar-lhe a direção do asilo. Luís viu na decisão das Irmãs um sinal claro de Deus para iniciar a obra sonhada há 20 anos. Sob sua direção, o asilo progride de um modo tão extraordinário que chamou a atenção de todo o mundo.

O número cada vez maior de Irmãs e de hóspedes, a distância da casa paroquial, o caráter religioso do instituto levou Luís a pedir à cúria permissão para construir uma capela em Camlago. A resposta veio negativa. Depois de insistir duas, três e mais vezes, o bispo deu seu placet, dizendo: “Façam o que quiserem, mas “pelo amor de Deus” não me tragam problemas nem à cúria!”

Luís está com 43 anos. A permis-

são que o bispo lhe deu para poder dedicar-se a suas obras, ele chamou “hora da misericórdia”. Afinal, abriu-se seu campo de ação! Sai logo à procura de um terreno à beira do lago. Infelizmente o pedaço de terra que adquiriu não se prestou para a construção da casa que tencionava fazer. Apega-se a São José sem a mínima dúvida de ser atendido. O Santo o atende. O pároco de Pianello lhe garante o sustento das Irmãs por três anos.

Assim, foi com imensa alegria que em 1885 partem para Ardenno as primeiras Irmãs. São elas: Irmã Marcelina, Clara e Maria Buzzetti. Irradiando entusiasmo e alegria elas, por onde passam, recolhem meninos e meninas; abrem escolas festivas; dão catecismo e cuidam das roupas e alfaias da igreja. Em Ardenno elas viveram na pobreza com momentos de duras provações. A

obra fracassou. O que levou a obra ao fracasso foi a demasiada ingerência da paróquia na autonomia das obras. As Irmãs não puderam agüentar e o único recurso que tinham foi a volta a Pianello. Elas se foram, mas ficaram na cidade os sinais de sua bondade, de seus serviços e de seu imenso amor aos pobres.

Em Pianello a fama das Irmãs se propaga como um incêndio. É o caso: “de tudo o que o amor faz, nada fica sem ser visto!” Diante desse fato as instituições públicas de Pianello e de outros lugares se sentiram prejudicadas. Por isso, tentam levar a obra das Irmãs à falência. Partem para o que o demônio lhes inspira: falsidades e mentiras. Luís e as Irmãs tiveram de comparecer perante o juiz de Dongo. O juiz os acusa, dizendo: “Quer me parecer

que vocês com seus modos de uma piedade tola estão enchendo de carunchos e bobagens a cabeça das órfãs. Acho bom pôr um ponto final nisto!” As Irmãs resolveram dar o troco, e disseram: “Nós fazemos justamente o contrário de tudo o que vocês dizem: nós procuramos curá-las de todos os seus males e livrá-las de todos os perigos. Será que isto é bobagem”?!“

Um novo juiz de Dongo trata Luís de um modo bem diferente. Ouve as acusações, segue Luís de perto e constata o contrário das acusações feitas. Os detratores insistem. A coisa chegou a tal ponto que Luís teve de comparecer perante o procurador do rei em Como. Foi nessa ocasião que Luís explodiu. Deu um murro na mesa e gritou: “Faz quinze anos que vocês me perseguem. Isto é coisa do demô-

nio!” Diante do prefeito de Guala a cena se repete: mais um murro na mesa e mais um desabafo!

Não se sabe se foi por medo ou se por compreensão que Guala pergunta a Luís: “Quais são suas propostas?” — “Eu quero fazer um instituto para as servas pobres”. O prefeito remata dizendo a Luís: “Agrade-me sua idéia e eu a apoiarei junto ao bispo e, se necessário, junto à cidade”.

Agora, sim, as portas se abriram para Guanella. Certo senhor Biffi tinha uma casa e um terreno. Mesmo sem dinheiro, Luís fecha a compra do terreno no valor de 14 mil liras, fiando-se na promessa de uma pessoa da cidade. Na hora H a pessoa não aparece. E agora? “Agora é com a Providência!” Sem que ninguém esperasse, aparece um casal de

Dongo, Bernardo e Sofia Calvi, com uma generosa oferta de 15 mil liras. Não sei o que você pensa, mas eu creio que esse caso na vida do Padre Luís não foi um simples caso de sorte. Não foi!





*Dia 6 de abril de 1886: uma barca navega  
em direção a Como - Itália*



### 3. O COMEÇO

É abril de 1886. Foi nesse mês que da pequena casa de Pianello partiu a primeira caravana de Irmãs para Como. Eram elas: Irmã Maria Buzzetti, a mestra Mambretti e três órfãs. Durante a travessia do lago ninguém dormiu. Passaram toda a noite em oração de esperança e de ação de graças. Na fé ouviram as palavras de Maria aos servos em Caná da Galiléia: “Fazei tudo o que ele vos disser”. Sem dúvida, elas foram a pequena chama!

Já no mês seguinte, maio, 13, parte um segundo grupo de Irmãs: Irmã Clara Bosatta, 2 noviças, 3 órfãs e as Irmãs Rachelle e Ilde Grossi. Todas levavam consigo mais amor do que coisas. A casa de Como era pequena para as Irmãs se sentirem

bem. Mas o que, de fato, mais lhes importava era o serviço aos pobres. Mesmo sem o mínimo conforto, sentiam-se felizes.

Irmã Clara foi o anjo que Deus lhes mandou para organizar e administrar a casa. Era cabeça e coração. Era mulher forte, da têmpera do Padre Luís. Sem ela o começo tão humilde da casa de Como estaria fadado ao fracasso. Mas o sucesso não demorou. Os trabalhos, a pouca alimentação e as preocupações acabaram com a saúde de Irmã Clara. Luís decide levá-la de volta a sua terra, Pianello. Irmã Clara obedece, triste por não poder fazer mais pela obra, mas serena e contente por ter sido fiel e por ter feito o que estava em suas forças.

Sua doença foi um tempo de provação e mais, de pregação. Edificou

por sua aceitação à vontade de Deus, por sua devoção à Eucaristia, por seu amor a Maria, à Igreja e por seu espírito de intensa oração. Luís dizia que os passos dados na instituição foram obra da Providência pelo amor silencioso da Irmã Clara. Foi.

Irmã Clara era natural de Pianello. Morreu nos braços do padre Luís com apenas 29 anos. As flores que lhe trouxeram não falavam só de saudades. Falavam, sobretudo, que sua alma era mais uma linda rosa nos jardins de Deus!

Luís lembra o tempo com Dom Bosco em Turim. Diz: “A casa da Divina Providência teve seu início com o exemplo de Dom Bosco! Dom Bosco muito se alegrou pelo que ouviu de Pianello e Como, e abençoou esse começo tão de Deus!”

Pianello segue o impulso e o ritmo dado por Irmã Clara. Luís numa carta recomenda à Irmã Marcelina vida de oração, jejuns, mortificações e lembra Irmã Clara: “Recomendo-vos de oferecer vossas vidas ao Senhor. Dai graças à Providência. Crescei no amor a Jesus. Deus nos ajude pela intercessão da santa que temos no céu, a Irmã Clara”.

A vida continua. Muito trabalho. De repente chega a triste notícia da morte de Dom Carsana. Sua morte foi uma grande perda. Luís contava com Dom Carsana para a realização de seus planos. Não obstante o fato de ter havido desentendimentos entre os dois, Luís via em Dom Carsana um homem de Deus, um iluminado, um amigo, uma força.

Foi um caso sério o fato de Monsenhor Giácomo Merizzi, da cúria, ter-se negado a receber padre Luís para solução de alguns problemas. Achava que as coisas juridicamente não estavam certas e que muitos pontos deviam ser revistos.

Luís contava com um jovem, Alexandrino Mazzuchi, para o futuro de suas obras. Mazzuchi era uma esperança. Foi o primeiro aluno de Luís numa escola vocacional. Infelizmente Mazzuchi morreu num acidente. Sua morte foi um desastre e uma provação muito grande para Luís. Creio que Luís tenha pensado assim: Tudo o que Deus faz acontecer, mesmo que nos pareça ser um grande mal, não podemos querer que deva acontecer de outra forma!

Luís pôde fazer uma viagem a Roma! Em setembro de 1888 a diocese faz uma romaria a Roma. Luís não duvida. Vai. Roma deslumbra. Tudo nela é magnificência e beleza: o novo, o antigo, os templos, as igrejas, as basílicas, as ruínas, os testemunhos, enfim, toda a sua história. Ver o papa de perto para Luís foi um presente do céu! De Roma Luís aproveita para ir a Loreto por devoção a Maria e para colher possíveis informações de outras congregações de fins beneficentes.

Luís previa que tinha de ser provado na paciência. O progresso de suas obras despertou em muitos ciúmes e inveja. Chegaram a dizer na cúria que as moças em suas casas eram maltratadas e viviam abandonadas. Em resposta, em 1890, Luís faz por escrito a renúncia da pasto-



ral em Pianello, de tudo o que tinha e de tudo o que por direito podia ter para se dedicar só às obras. O certo é que o número dos assistidos em Como já passava de 200 “miseráveis”. Fantástico!





*Bem-aventurada Irmã Clara Bosatta*



## 4. ABREM-SE OS HORIZONTES

A morte de Pio IX não trouxe tempo melhor para Leão XIII. No meio da confusão, Luís não se perde e não perde de vista seus objetivos. Queria montar uma tipografia para sacerdotes inválidos, uma casa para órfãos e escolas. Numa palavra, queria dar condições dignas aos infelizes, velhos e deficientes que apareciam todos os dias.

Em 1890 ele abre uma casa em Milão. Envia Irmãs para cuidar de homens e mulheres. Mais tarde as Irmãs abrem mais duas casas para meninos e meninas. Uma senhora veio e se prontificou a abrir um oratório e um asilo em memória de um filho assassinado. A obra só não saiu por causa do ódio e da oposição da maçonaria e dos liberais.

Um sonho de Luís era ampliar a casa de Como. Um padre, admirado, disse dele: “Este homem é um louco ou é um santo!” e diz a Luís: Como? Luís, entre risos, ergue os braços para o céu e exclama: “A Providência, meu amigo, a Providência!” É verdade, Luís sempre se guiava por uma inabalável confiança na Providência de Deus que “sempre atende quando o que se faz é feito por amor e para amar”.

Em novembro morre Dom Luís Nicora sem tempo de tomar posse na diocese. A cidade de Como fica sem bispo até que em 1891 o sucede Dom Andrea Ferrari. Luís procura logo informá-lo de suas obras. O bispo mostra-se muito satisfeito e diz a Luís palavras animadoras: “De coração ofereço meu apoio em tudo o que estiver em minhas for-

ças". Numa palavra, o bispo quis dizer: floresça!

A posse de Dom Ferrari em Como foi uma festa de primeira. O povo compareceu em massa. A procissão foi uma caminhada de fé com orações e cânticos. É claro que Luís se fez presente e sua presença foi também respeito e reverência. Mas, por incrível que pareça, mal o bispo toma posse da diocese vêm os inimigos de Luís apresentar um monte de queixas contra a pessoa de Luís. Eles queriam a todo custo o fim de suas obras. Tudo o que disseram contra Luís não continha nada de sério e de novo. Era a ladainha de sempre: "Ele é um intruso, um revolucionário, um maluco". O bispo os atende e depois de ouvi-los faz-lhes uma proposta: "Escutem: rezem por ele. Visitem suas obras e depois voltem; verão

que o que ele faz não é segundo a prudência humana!”

É verdade, quem se põe a servir os pobres por amor esteja pronto para o que der e vier, esteja pronto para carregar cruzes de todas as medidas e peso. Uma cruz de muita dor para Luís foi a morte de sua irmã Catarina. Sem dúvida, ela era a flor mais linda no jardim do coração de Luís. Por certo ele teria dito a Deus: eu aceito, Senhor, que a tenhas levado para que plenamente se realize o que queres de mim! Assim, resignado na fé, Luís pôde escrever a seus colaboradores: “Agora temos três santos no céu a nos ajudar no cuidado dos ‘infelizes’: Irmã Clara, Alexandrino e Catarina”.

Um dia, era tarde, Luís procura o bispo para uma conversa e lhe expõe: “Excelência, estou pensando em au-



mentar a capela para os abrigados”. “Sim, Luís, mas faça a igreja não só para os abrigados. Faça-a bem grande para todo o povo”. Em seguida o próprio bispo determina uma área maior para a construção. Os tempos não favoreciam. Era de espantar a animosidade contra a Igreja. Mas, que é que pode ficar sem ser feito quando a confiança na Divina Providência é maior do que o mundo!?

Construir a igreja do Sagrado Coração de Jesus foi um problema para a pobreza de Luís. Dom Ferrari em abril benze a primeira pedra. Suas palavras foram uma profecia: “Esta construção tem o sinal da bênção de Deus”. O povo vibra e se entusiasma. Na construção o próprio Luís foi um pouco de tudo. Operário, carpinteiro e pedreiro. Deus fez ainda aparecer muitos benfeitores e voluntá-

rios. Uns oferecem material, areia e transporte. Outros, direção e mão-de-obra. Houve até uma firma que se encarregou de construir a cripta e levantar os arcos do assoalho. A quem lhe perguntava: Será que o dinheiro cai do céu? Luís tinha a resposta: “O dinheiro aparecia quando nós nos mostrávamos um tanto desanimados”.

Em 1893 parte do projeto ficou pronto. Ao redor da igreja surgiram casas de artesãos, de sacerdotes idosos e de pessoas inválidas. Até o jornal da região “Divina Providência” fez uma extensa divulgação do sucesso da obra. De fato, foi um assombro. Foi coisa que todo mundo quis ver de perto. Não sei o nome, mas foi um santo que disse: “Onde o amor é grande o inimaginável acontece!”

Roma ia celebrar o jubileu episcopal de Leão XIII. Dom Ferrari quer que alguém represente a diocese nos festejos. Esse alguém foi Luís. Ele parte para Roma em fevereiro levando consigo um álbum de assinaturas. A assinatura do bispo dizia: “Sobre ti, Pequena Casa, implorarei a bênção do Sumo Pontífice a fim de que sua empresa seja semelhante à do pequeno grão de mostarda que a seu tempo se torna árvore com grandes ramos, porque é abençoada do céu”. O Papa recebe os peregrinos e os abençoa. Para Luís os dias que passou em Roma foram dias de céu!

Chega a milhares o número deromeiros que vieram para ver e rezar na igreja do padre Luís. Até o Monsenhor Merizzi que por tempos foi um tanto duro com ele mudou, dizendo: “Abençôo a Pequena Casa

do Povo e este homem que herdou o espírito maravilhoso de Dom Bosco”.

A partir daí tudo melhorou. Melhorou o conceito que faziam de Luís; melhorou o modo de tratá-lo; melhorou ante todos a valia de seus sonhos. Agora Luís não era mais o “sonhador”, o “cabeça quente”, o “revolucionário”. Por certo, começaram a ver nele um coração cheio de Deus e todo ele com o jeito de Cristo, de amar! Cabe aqui o que disse um poeta: “Por mais densa que seja a escuridão, espere, que logo aparecerá a brilhar a luz de uma estrela!

## 5. SEM TEMPO DE PARAR

Luís era capaz de fazer loucuras para adquirir casas e terrenos para os pobres. Fez muitas! Em outubro de 1893 obtém uma casa para os filhos do povo, num edifício que antes fora escola de metodistas. Nessa casa ele acolhe órfãos de Milão. Logo depois abre um asilo em Porta Vitória e outro na rua Cappucini, com bosques, terreno para 100 crianças, doentes mentais e alunos com todo tipo de instrução e de formação humana. Até sacerdotes e senhoras da alta sociedade se dispuseram a trabalhar nas obras levados pela admiração e pela beleza do testemunho e dos exemplos de Luís.

Sempre devemos contar com casos que surpreendem. A vida de Luís está cheia desses casos. Pois é, de

repente aparece a surpresa da transferência de Dom Ferrari de Como para Milão. Na missa de despedida os amigos lotaram a igreja. Quem não gostou da transferência foi Luís. Ele tinha uma afeição muito especial por Dom Ferrari. São dois os sentimentos que tocaram sua alma: um, de tristeza; outro, de gratidão. Eles, de fato, eram amigos. Sempre se entenderam, principalmente quando a causa era a glória de Deus e quando se tratava dos pobres. Por incrível que pareça, Dom Ferrari saiu de Como às escondidas. Agiu assim para evitar conflitos e atos de violência da parte dos anticlericais que o odiavam.

Luís não pára. Em Milão inaugura um abrigo feminino como complemento da obra iniciada em julho na rua Cappucini. Em seguida vê a pos-

sibilidade de adquirir o complexo da igreja de Santo Ambrogio ad Nemus que por mais de 40 anos foi sede de padres idosos e inválidos da diocese. O preço era muito alto: 100 mil libras. Em caixa Luís tinha apenas 3 mil libras! Mesmo assim, ele fecha a compra. Na verdade, a compra foi uma coisa de louco! E agora, como pagar? Simples! Ele procede como em outras vezes. Deixa tudo por conta da Divina Providência!

As casas fundadas tornam-se um imenso complexo de estruturas e de pessoas. Jovens e adultos, à vista disto, decidem-se pela solidariedade. Eles descobrem quanto pode o amor. Descubrem que o amor sempre se faz presente onde existe uma dor! E, então, mãos à obra!

Luís acaba vendo que havia necessidade de uma organização. Era pre-

ciso unir as forças! O instituto nascente ainda não tinha nenhum caráter jurídico. Luís não sossega. Informa-se, faz visitas, estuda caminhos. Tenta elaborar um estatuto, mas como? O que tinha escrito não era o suficiente: faltava um sentido eclesial; faltava definir a finalidade; era preciso mostrar com clareza a posição do instituto diante da Igreja!

Em 1893 ele propõe para as Irmãs um Breve Estatuto das Filhas do Sagrado Coração em Como. Esse Estatuto continha um programa para órfãs, estudantes, aspirantes, enfim, para meninas abandonadas. Propõe também um estatuto para sacerdotes idosos e enfermos. Que tal – perguntava – a idéia de recolher numa só família os membros da Pequena Casa da Providência com votos de cuidar de doenças contagiosas?



Em novembro entrega uma cópia do Estatuto ao Padre Pedro Ubaldi, diretor do Seminário em Como e outra a Dom Ferrari. Não contente, escreve também “Normas” com princípios de regulamentação para o noviciado e profissão dos votos. Quanto ao Estatuto a conclusão foi: as normas que continha eram muito gerais, coisa que não bastava. Foi visto então como um simples ensaio. Por isso ficou sem provação





*Panorama da cidade de Como, onde o Pe. Guanella faleceu a 24 de outubro de 1915*



## 6. OS PILARES

Padre Luís, desde que chegou a Como, projetou vocações masculinas de sacerdotes e irmãos para o serviço aos “últimos” ao lado das Irmãs. Sonhou uma escola para estudos eclesiais de jovens e adultos. A intenção era formá-los em sua missão específica: ginásio, literatura, filosofia, teologia e tudo o que podia ser fonte de graças, de bênçãos e de felicidade aos que sofrem. Ansioso e esperançoso, ele dava tempo ao tempo. Esperava. Rezava. Mandava rezar.

Era fim de 1894, dia 22 dezembro. Foi nesse dia que Dom Ferrari ordenou o primeiro padre dos Servos da Caridade, Pedro Moroni. Já em junho de 1895 ordenou um segundo, João Calvi. Em 1896 José

Roncoroni e Silvio Vannoni. Isso significa que o sonho de Padre Luís se tornava realidade.

Agora nenhum outro bem nem todas as riquezas do mundo lhe dariam maior alegria! Imaginem o calor de seu “Amém” em agradecimento aos céus! Deus queria que ele, além de fundador de abrigos, fosse também fundador de comunidades religiosas. Confiava nos irmãos para levantar com eles um edifício que aumentaria a obra imensa da Igreja. Em seus desígnios Deus fez com que o trabalho de Luís, de simples fio d’água que era, com o tempo se transformasse em manancial!

Não demora, já em 1896 Luís convoca amigos e conterrâneos para propor a abertura de um instituto feminino em Campodolcino. Pro-

põe a formação de um comitê que sob a vigilância do instituto iniciaria estudos de ervas, das árvores, das rochas e das águas do clima. A proposta era boa e louvável porque através da formação espiritual da juventude feminina teria concorrido muito para o bem de seus moradores.

Em 1897 o bispo de Pádua pede uma fundação em sua diocese para jovens e idosos. Padre Luís que não deixa o tempo correr à toa adquire logo sob as bênçãos do bispo um terreno com jardins e parreiras que um dia serviu de refúgio a Garibaldi. A casa foi dedicada ao bom e generoso São José.

De um incêndio que houve em Como Luís concluiu que muita coisa devia ser melhorada na vida de muitos: mais oração, mais observân-

cia, menos falhas e mais pureza. De repente acontece a tragédia de mais um incêndio na Pequena Casa de Como. Parece que num instante a casa virou cinzas. Só a igreja ficou de pé. Deus dos céus! Doentes, cegos e inválidos foram alojados às pressas em casas e postos de socorros improvisados. A prefeitura se encarregou de recolher as crianças. Foi um quadro desolador. Em toda a parte, lágrimas, gritos, destruição e desespero. A tristeza de Luís ante o fato, de tão grande, parecia a de mil pessoas num velório! O povo acorreu para ajudar e houve quem ajudou como heróis com todas as formas de amar. Os prejuízos foram enormes, mas a bondade das pessoas que enviaram auxílios foi um forte apelo à esperança. É possível que o incêndio tenha sido um caso de



vingança, de ódio dos inimigos. Outros teriam dito que foi um castigo de Deus. Seja o que for, nenhum mal que nos acontece na vida, mesmo o pior, é castigo de Deus. Em qualquer caso é Ele que nos dá um recado!

Quando correu na cidade a notícia da substituição de Dom Andrea Ferrari por Dom Teodoro Valpré alguém pensou: mais uma atrapalhada na vida e nos planos de Luís. Vejam se foi. A recepção do novo bispo foi uma solenidade rara. E outra: um dos primeiros compromissos de Dom Valpré foi fazer uma visita à Pequena Casa da Providência. Ele vê tudo e se encanta. Ele já tinha pleno conhecimento da fama, do zelo, e do trabalho do Padre Luís. Numa palavra, Dom Valpré vê em Luís não o diabo que pintavam, mas um santo que amava!

Na celebração do 25º aniversário da

fundação em Pianello Lário, Luís fez questão de lembrar com profunda gratidão o Padre Coppini: Sem a grande alma deste homem – disse – eu não teria podido alçar vôo para a aventura louca que me levou para Como e depois para Milão. Eu vejo tão claramente como à luz do sol que a Providência age, faz milagres e abre corações!

A casa de Como tinha pouco espaço. Como havia por ali um lugar mais amplo chamado “la Binda”, Luís desejou comprá-lo. Apareceram na ocasião muitos interessados na compra, inclusive industriais. Por circunstâncias, em janeiro de 1897, Luís adquire a casa por 45 mil liras. No ato da assinatura ele entrega apenas 3 mil liras. O bispo se alarma. E agora, como pagar? Desta vez, o anjo que salvou Luís do aperto foi o Padre Del Tórquio que vem e lhe faz a generosa e polpuda

doação de 15 mil liras. Deve ser de algum santo esta sentença: “É através de amigos que Deus costuma fazer milagres”. E, eu creio.

Em 20 de junho de 1897 Luís inaugura o novo complexo, um centro com capela, sala e casa para as Irmãs. O complexo podia abrigar 299 “boas filhas” e mulheres idosas e foi batizado com o nome de Santa Maria da Providência.

O corre-corre de Luís não tem fim. Como a natureza não perdoa, ele teve de parar para um descanso. Foi uma verdadeira luta convencê-lo a tirar um tempo de férias. O repouso durou apenas alguns dias. Quem lê a vida do Padre Luís fica com a impressão de que ele era um homem completamente esquecido de si mesmo! De fato, era.

Após o descanso, Padre Luís volta à carga. Em conversa com padres e

amigos ele em pensamento vai até a Suíça onde há igrejas vazias e profanadas. – Por que não fazer em Splugen uma estação católica para o povo e turistas vindos da Itália? É dessa idéia que nasceu a igreja que o cardeal de Milão inaugurou com o nome de Pia Casa dos Pobres. Bendita seja a Divina Providência!

Foi durante um jantar. Alguém propõe a Luís acolher dois sacerdotes enfermos da diocese de Adria. Os dois foram uma bênção. Vendo o carinho com que os trataram, Dom Polin, bispo de Adria, abre para Luís as portas de seu seminário. Isso significou que os clérigos do Padre Luís podiam a partir de então fazer seus estudos no seminário da diocese. Da amizade dos dois nasceu ainda a abertura de uma casa em Polésine. Dom Giovanni Bataglia, bispo de

Coira, também quis abençoar Padre Luís e suas obras, e fazendo-lhe a doação de 3 mil francos, disse: – “Como sinal de admiração aí vai minha oferta para quando precisar”.

A mistura de alegrias e de tristezas na vida de Luís virou pão de cada dia. Assim à alegria da ordenação de mais um padre para sua congregação, a do Padre Filippo Grammatica, veio juntar-se a tristeza de mais uma grave denúncia contra ele. Desta vez os homens das maldades e das intrigas disseram que Luís forçava as consciências de seus assistidos, homens e mulheres.

Mais uma vez com mais uma dose descomunal de paciência Luís teve de apresentar-se ao bispo para explicar e defender-se. E saiu-se melhor do que se podia esperar. Dom Valpré viu que o caso dos acusadores era

mesmo um caso de rir-se! Certamente não foram poucas nem feitas com pouca devoção as orações de perdão dos inimigos que Padre Luís fez a Deus em toda a sua vida!

Deus é grande! Luís pôde encerrar o século a seu modo com novas fundações. A Casa da Divina Providência abre mais um abrigo infantil e um oratório em Stimianico (Como) precisamente no dia 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição.

Por tudo o que Padre Luís sonhou, sofreu e realizou, posso adivinhar a oração que ele fez a Deus no findar do século: “Muito obrigado, Senhor, por tudo que pude realizar a bem dos mais pobres por força de teus impulsos. Faze que os anos que ainda me restam de vida segundo teus desígnios sejam um tempo de eu amar mais, de levar a amar e de fazer-te amado!”

## 7. MAIS FLORES

Pian de Spangna e Polesine eram projetos que revelavam a riqueza do coração de Luís. Alguém lhe aconselhou um pouco mais de prudência. A própria Irmã Marcelina achou que os gastos eram muitos, que era preciso diminuir as despesas. Luís, a sorrir, explica-lhe: “Se temos 30 mil liras, é melhor gastá-las em fazer três casas senão não agradamos ao bom Deus!” Alguém que lastimava o gasto de 40 mil liras teve de ouvir palavras semelhantes: “Para os pobres podemos gastar tudo o que temos!”

Luís nunca teve acanhamento em pedir. Achava que pedir era o modo mais bonito de ensinar a humildade. É. Deus sempre nos escuta quando lhe falamos, mas ele, de fato, só nos atende quando pedimos com humildade!

Luís se mostra mais ousado quando tenciona construir uma colônia agrícola para convertê-la em povoado, em refúgio para doentes mentais e para impedir a emigração. Sai em busca de ajuda de amigos para realizar seus planos. Quer ir sempre além! Só refletia em projetos a realizar. Muitos achavam que seus planos eram uma temeridade! Ele dizia que não.

Em 1900, em Freta, pensa em construir uma casa para mulheres. Tudo isso seria ampliado com o tempo para acolher doentes crônicos, órfãos, deficientes, sacerdotes idosos etc. O lugar de Pian d'Spagna era um lugar malárico. É preciso ajeitar o lugar para impedir, além da malária, a emigração! Essa idéia vinha com ele desde o tempo de seminário no colégio Gallio. Os peritos garantiram-lhe que tudo era viável. Luís então não duvi-



da e assina o contrato de compra: 24 mil liras.

Como sempre, aparecem críticos e difamadores que levantam a crista e berram. Sem dúvida, podia-se fazer uma ladainha com todos os nomes feios que lhe deram! Até Cristo, por ensinar o amor e por amar os pobres, foi chamado “possesso do demônio”. Mas, por mais que falassem contra, mais Luís se empenhava em ser amor e em trabalhar pelos pobres! Dos muitos e bons amigos seus, cito apenas um que dizia dele: “Luís é pessoa que fala pouco e realiza muito!”

Outra façanha de Luís foi erguer uma cruz em homenagem ao Divino Salvador. Até o jornal de Roveredo publicou o acontecimento. Com esse fato Luís quis consagrar a Deus sua vontade missionária.

Vejam mais uma que Luís aprontou. Sem esperar resposta de seu bispo, compra um terreno para igreja e residência de sacerdotes em vale Bregaglia. Além de igreja para operários, constrói casa e oratório. O bispo, ao saber do que foi feito, em vez de reprimenda, passa-lhe um telegrama de felicitação: “Padre Luís, prossiga!”

Em Stimianico, adapta um abrigo dirigido por Irmãs. Tenciona e faz dessa casa um lugar de acolhida para os pobres de todas as categorias. Luís dá-lhe o nome: “Asilo da Paz”. Em Como, põe para trabalhar juntos “os bons filhos” com outras pessoas para perderem o medo de, amanhã, enfrentar a vida. Constrói com eles uma igreja que mais tarde é transformada em paróquia.

Em 1901, sem mais, comunica ao bispo ter adquirido a casa Biffi para

dar atendimento melhor aos infelizes de ambos os sexos. Nesse ano também a congregação cresce. São ordenados mais um padre e três diáconos para as obras. É devagar, sim, mas a congregação cresce. É bom que todo o mundo saiba que só o mundo é que nasceu grande das mãos de Deus!

O ano de 1902 foi um ano rico de bênçãos que deu às instituições um novo impulso. Com um número sempre maior de benfeitores mais generosos, Luís pôde realizar em 1903 um velho desejo seu de inaugurar a igreja em Santa Maria de Lora. Assim podia dar mais conforto a seus queridos pobres e falar-lhes de Deus que é bom Pai e de seu amor por nós em Jesus Cristo.

É certo que Luís contava com a falta de padres para suas obras. Os padres

dos quais dispunha para atendimento ainda eram poucos. Estava, de fato, diante de um problema. Não faltavam vocações para o instituto, mas os bispos não se dispuseram a ceder lugar para os clérigos de Luís estudar em seus seminários. Chegaram até a proibir. A proibição era para valer. Luís se vê então impelido a escrever uma carta ao cardeal Vanutelli, e o fez nestes termos: “Assistimos a mais de 20 casas com 500 Irmãs Filhas de Santa Maria da Providência, alguns sacerdotes e leigos. É grande a necessidade que temos de novos padres cada ano. Por isso pedimos a Vossa Eminência o privilégio de permitir que possamos ter mais padres para o instituto”. A carta não teve resposta por temerem os bispos diminuição de clero em suas dioceses e por outros motivos inclusive políticos.

Com a morte de Leão XIII, 38 car-

deais italianos e 24 estrangeiros elegem papa o cardeal José Sarto, que toma o nome de Pio X. Para Luís, a eleição de Pio X foi alvissareira; bateu com suas esperanças. Comentando a eleição do papa com os seus, disse: “Se ele conhece as obras da Casa da Divina Providência, há de querer abençoar-nos!”

Numa carta a Dom Radini Tedeschi, Luís diz: “Façamos honra a Pio X realizando uma colônia modelo!” e pede a colônia agrícola de Monte Carlo em Roma. Em seguida pede também ao cardeal Rampolla uma casa com igreja em desuso, de propriedade do papa sita na colina do Vaticano. Depois adianta à Irmã Marcelina, dizendo: “Amanhã vamos adquirir a colônia. O preço é de 30 mil liras das quais já tenho 9.500. Acho que será possível fazer uma casa para

as Irmãs de onde poderemos ouvir tocar os sinos do Vaticano”. A colônia foi aberta no dia 15 de outubro de 1903 e confiada ao zelo e aos cuidados do Padre Giácomo Rota, do clérigo Nonacina e de alguns leigos.

Logo em seguida, Luís abre uma nova obra, o abrigo em São Cassino Del Meschio (Treviso), e consegue do papa a permissão de batizá-lo com seu nome. Poucos dias depois vem a resposta do papa: “Concedo que o abrigo tenha meu nome. Rezai muito para trabalhar muito. Abençôo-vos assim como os hóspedes de vossas casas e os benfeitores de vossas obras!”

De volta a Como, funda mais outras casas na cidade de Lário, o Pio Consórcio das Damas e confia a casa à direção da Senhora Palmira Daniselli.

Para o Natal, Padre Luís quis um

retiro espiritual para os seus. Para pregar o retiro convida Dom Orione. Não sei dizer se ele poderia ter feito escolha melhor. Como os dois se pareciam em medidas de amor! Como os dois se pareciam em servir por amar! Como os dois se pareciam com Jesus no modo de ele ser dos pobres! Eu comparo os dois com uma rosa: um era a beleza dela; o outro era seu perfume! Não tenho receio de afirmar que o encontro dos dois não se deu por mero acaso. Foi graça de Deus!

Queria que a organização se estabelecesse também em Roma: “pois junto dos mártires aprenderão o ardor e o amor no caminho da cruz”. Os Filhos do Sagrado Coração estavam na colônia agrícola de Monte Mário e as Irmãs chegaram a Roma em 26 janeiro 1904. Pio X recebe a Irmã Giuseppina e os padres e os

abençoa com a bênção com a qual Jesus abençoava todos os que acreditavam nele.

Ao vir uma determinação da cúria que proibia os dirigentes das casas de ouvir confissões dos assistidos, Luís escreve uma carta pedindo permissão de, pelo menos, atender os que procuravam, pois o número dos abrigados é grande. São 770 em Como e 600 em Milão. “Não é fácil encontrar padres de fora para o atendimento!”



## 8. TEMPO DE PAZ E DE ALEGRIAS

Tudo o que falamos dos 40 anos de sacerdócio do Padre Luís é pouco. Creio que ele achava que o tempo de 24 horas era pouco para um dia! Não sei dizer que horas e quantas ele tirava para o sono, o descanso, a alimentação e para o devido trato do corpo. Não sei dizer também que anjo podia ser mais apressado em trazer graças do céu do que ele em cumprir na terra os compromissos de cada dia! Isto sem falar dos desgostos que teve das incompreensões e perseguições. Para chegar até onde ele chegou só mesmo um gigante. Ele foi.

Mas Luís não era de ferro. Mais vezes teve de parar por ordem médica e outras vezes por insistência

dos que trabalhavam com ele. Se não tivesse tido quem interviesse, ele teria morrido bem antes do tempo de morrer. Fora os casos de doença e de repouso forçado, Luís fez quatro viagens ao exterior. Essas viagens foram um bem para sua vida, do corpo e do espírito. Visitou a Terra Santa, esteve em Lourdes, em Londres e nos Estados Unidos. Suas viagens não foram só um tempo de passeio. Em todas elas aproveitou para falar de seus objetivos, da congregação, dos “últimos”, inspirando-se nas belezas do mundo criado e no infinito do amor de Deus criador!

A viagem à Terra Santa foi para Luís um tempo de contemplação mais do que de diversão. Chefe da peregrinação à Terra Santa foi o cardeal Ferrari. Os peregrinos eram 117 padres e 130 leigos. Praticamente a

peregrinação foi para todos um tempo de orações, de reflexões e de experiência de Deus.

Luís dava notícias às Irmãs de tudo o que acontecia na viagem e, ao mesmo tempo, fazia exortações e pedidos de orações. Não ficou sem visitar nenhum lugar por onde Jesus passou. Na fé via-o em toda a parte: no Monte Tabor, em Nazaré, em Cafarnaum, no mar de Tiberíades, em Caná, em Aifa, em Jerusalém, no caminho do Calvário, no santo sepulcro, no rio Jordão, em Ain-Karin, em Emaús, em Belém. Em cada um desses lugares parecia-lhe serem bem visíveis os sinais dos passos de Jesus.

A conclusão a que Luís chegou no final dessa viagem foi esta: Não é possível não amar, e mais esta outra: sempre é possível amar mais!

Luís esteve também em Lourdes, na França. Vai com um grupo de 420 pessoas chefiadas pelo cardeal Radini Tedeschi. Em Lourdes sua devoção a Nossa Senhora extravasou. No Santuário confiou a Maria as casas, as Irmãs, os assistidos, os idosos e seus “últimos”. Participa de todos os atos religiosos: da procissão das luzes e da bênção aos doentes. Quis passar uma noite inteira em adoração diante do Santíssimo. Visitou, emocionado, a casa de Bernardete.

Ver a fila dos doentes pedindo graças e cura de seus males foi para Luís uma prova concreta de sua fé mais genuína: um chamado para realizar o bem ao próximo. É ele que fala: “Os peregrinos pareciam envolvidos em atmosfera de inocência e de sobrenatural e sentiam no coração o delicioso perfume daquela que se anunciou: Eu

sou a Imaculada Conceição”. Em Luís era firme esta convicção: “Peça à Mãe que o Filho atende!”

Luís esteve também em Londres por ocasião do Congresso Eucarístico. O convite que lhe fizeram foi mais um presente do céu. Ao todo os congressistas eram 200 sacerdotes, 20 bispos e 8 cardeais. Luiz foi a convite. Sentia-se no paraíso. Imaginem como ele passou os dias do Congresso em Londres! Certamente ele lembrou muitas cenas do Evangelho: lembrou a Última Ceia, Jesus explicando Isaías, o sermão da montanha, etc; lembrou que o amor da Eucaristia é vida em plenitude; que o amor da Eucaristia é Deus que se faz pão; que o amor da Eucaristia é mais do que o amor da criação, etc. Imaginem as horas que passou diante do sacrário! Imaginem o fervor de suas preces, enfim, imaginem de quem ele mais se lembrou!

Mandou imprimir e distribuir circulares e folhetos em diversos idiomas, italiano, francês e inglês para ilustrar as obras da Divina Providência. Talvez viesse alguma contribuição de algum bom coração. Depois, brincando, escreveu ao amigo Padre Cláudio Benedetti: nada!

Um dia, falando às Irmãs, Luís lhes falou do desejo de Pio X de enviar dez ou doze Irmãs para Chicago. Aos Servos transmite a mensagem do Papa e recomenda: “Amemos a Maria e falemos dela a todos. Ela é Rainha dos Sacerdotes e Porta para chegarmos à graça de seu Divino Filho”.

Foi o desejo do Papa que levou Luís a fazer sua terceira viagem para o exterior, os Estados Unidos. Ainda em Roma, o bispo de Boston também externou-lhe o desejo de ter Irmãs em

sua diocese. Luís, que nunca dormiu no ponto, levou a sério a vontade do papa e do bispo. Ficou então acertado com a Ir. Marcelina o fato de uma fundação lá. Sem dúvida, o fato era um chamado de Deus para um “Além Fronteiras”.

Com a aprovação do papa e cartas de cardeais e bispos, Luís viaja logo para os Estados Unidos. Embarca no dia 12 de dezembro de 1912 e chega a Nova York no dia 21. Como guia teve um scalabriniano, o Padre Gregori. Este o acompanha por toda a parte. Foi uma festa a recepção que lhe fizeram. Apresenta-se com as cartas do papa e do cardeal protetor Dom Ferrari.

Padre Gregori foi uma mão na roda. Com ele Luís visita a colônia italiana. Depois escreve aos seus. Entre outras coisas ele diz: “Eu devia estar aqui 10

anos antes. Pena que já estou velho. Creio que nosso trabalho aqui será muito abençoado por Deus”.

Fala de tudo o que vê nos Estados Unidos da América. Fala de um instituto com 1.500 infelizes. Todos recebem instrução, homens e mulheres. Nadam na abundância. O Estado ajuda em tudo. Mas “sentem falta de religião e praticam um pouco de tudo. O governo é sem religião. Gozam de muito aparato humano, mas nada de sobrenatural. O dólar é mais importante do que qualquer tipo de religião”. Faz ainda visitas a diversas cidades para contatos. “Em Chicago não há nenhuma instituição para deficientes e então vocês serão os primeiros a atendê-los”.

Na volta passa por Roma para uma visita ao papa. Antes de chegar a Como passa por Gatto, Barra, São



Cassiano del Maschio, Frata Polesine. Em Turim, as perguntas que lhe fizeram passaram de mil! Pois é, remata o Padre Luís: “Os Estados Unidos são mesmo um outro mundo, são um país rico e lindo, mas também cheio de injustiças. Todos com ansiedade esperam por vocês!”



*Basílica de São José, no bairro Trionfale, em Roma*



*São José: padroeiro dos agonizantes*



## 9. IGREJA DE SÃO JOSÉ

Incrível! Luís não se dá trégua. Adquire um terreno de 400 mil metros em Trenno, perto de Milão, onde constrói uma colônia agrícola e oratório. Recolhe aí uns 40 deficientes mentais que se empregam nos trabalhos da colônia. Os resultados de “recuperação” foram maravilhosos. A meta era educar, hospedar e curar. É verdade, com amor não há bem que não possa ser feito!

De mais a mais, Luís envolvia-se em tudo o que acontecia com a Igreja e o papa ante a intolerância anticlerical. Nos momentos difíceis da luta, escrevia aos Servos: “Vocês devem ser sãos no corpo, sábios no espírito e, sobretudo, sãos no coração para comunicar as próprias idéias, unir os homens diferentes num

mesmo amor, testemunhando um, cristianismo concreto". Pedia a todos freqüência aos sacramentos, vida de oração, sobretudo, amor à Eucaristia.

Custasse o que custasse, Luís queria a aprovação definitiva da congregação. Em novembro, estando em Roma, recebe convite do papa para assuntos da congregação, Pio Consórcio das Damas e Igreja de São José. O Papa, além de interesse pelas obras, oferece-lhe uma ajuda em dinheiro, dizendo: "Trata-se de coisas de Deus!"

Luís não vê a hora de terminar a Igreja de São José. Em 1911 convoca párocos da capital para uma conferência a ser feita pelo Frei Raimundo Saravezza. O conferencista fala sobre a função da Obra da Divina Providência no quarteirão Triunfal. Faz

um pedido de ajuda em solidariedade concreta como expressão de amor entre irmãos.

Em fins de outubro Luís encontra a igreja em fase final. Obtém uma audiência com o Papa, quando lhe diz: Ofereço-vos esta igreja de São José, do quarteirão Triunfal quase pronta.— E quando será inaugurada? — No ano que vem, na festa de S. José. — Que posso fazer ainda por vocês? — Abençoar a mim, meus sacerdotes e Irmãos, os benfeitores e as obras da Providência — E depois? — Precisamos ainda de muito dinheiro — Quanto? — Cento e dez mil liras, de acordo com os cálculos do engenheiro. — Então fale com Monsenhor Bressan em meu nome.

Luís fez questão de comunicar ao engenheiro Leonori o resultado de seu encontro e do presente do papa.

Assim puderam caminhar para o término da igreja e pensar já no dia da inauguração. Não há dúvida de que foi por força da capacidade, do entusiasmo e da confiança ilimitada do Padre Luís, dos Servos da Caridade e das Filhas de Maria da Providência que levaram as obras a progredir tão rapidamente. Foi programada uma série de cerimônias para o dia da consagração da igreja. Um tríduo de orações de 19 a 21 de março era parte das festividades.

O dia 19 de março parecia um sonho. As pessoas admiravam-se do fato de a igreja ter sido erguida em apenas dois anos. Luís não sabia como agradecer a Deus. As festividades se prolongaram por três dias, com presença maciça do povo, com missas pontificais, presença de cardeais e bispos, cantos, música e muita alegria.



A igreja estava de pé. Mas Luís tinha uma preocupação: queria edificar também uma igreja moral e religiosa no meio daquela população. Para tanto quis preparar sacerdotes que fossem aptos e zelosos para esse trabalho. A princípio pensou em confiar a direção da igreja aos cuidados do padre Aurélio Bacciarini. Conseguiu, sim, mas só depois de convencê-lo a não ir para os trapistas de “Tre Fontane”, por influência do padre Leonardo Mazzuchi. Realmente padre Aurélio era um elemento de valor em todo o sentido da palavra, e Luís não queria perdê-lo. Com sua aceitação e nomeação, Luís pôde dizer: Graças a Deus!

Interessante: ao redor da igreja desenvolveu-se logo uma quantidade de propostas e de obras. É fácil compreender: “São José” foi colocado no cen-

tro de uma fantástica renovação moral e social de todo o quarteirão.

Após uma visita rápida a Saronno para a bênção da ampliação da casa Santa Inês, padre Luís está de novo em São José para a constituição da nova paróquia. O início exigiu um compromisso total. Toda a energia foi necessária porque todo o conjunto fora confiado à capacidade de apenas três sacerdotes: padre Aurélio Bacciarini, padre Luís Previtali e padre Alessandro Zafarinni. A instalação canônica da paróquia aconteceu no dia 30 de junho de 1912, com a presença do cardeal vigário Dom Pedro Respigui. As cerimônias terminaram com uma solene procissão do Santíssimo pelas ruas do quarteirão, deixando no coração de todos uma agradável sensação de felicidade e de paz interior.

Luís segue para Como. Aí recebe a notícia de que no dia 2 de agosto em sessão plenária, a Congregação dos Bispos e Religiosos trataria da causa da aprovação do instituto dos Servos da Caridade. A notícia o levou a escrever logo a todos, lembrando-lhes a importância do momento: “Compreendeis a necessidade de invocar a bênção de Deus para um feliz êxito da questão. Por isso, desejo que todos os membros de nossas casas façam uma fervorosa novena de orações e de vida santa segundo a Regra para obter os favores do céu”.

A maior preocupação do padre Luís agora era esta: a aprovação das Regras e Constituições. Vamos ver os caminhos que ele percorreu.



## 10. APROVAÇÃO DAS REGRAS

Luís há tempo queria a aprovação das Regras e Constituições das Filhas de Santa Maria da Providência e dos Filhos do Sagrado Coração. A demora o deixava angustiado e temeroso. De fato, o processo começou em 1896. Pede a aprovação por carta ao bispo Dom Valpré, na qual ele solicita seu empenho “pois embora mínimas, as obras da Pequena Casa estavam em franco desenvolvimento com as bênçãos de Deus”.

O bispo recomendou a Luís que determinasse o lugar da casa mãe e modificasse o nome da casa de Como. Luís segue o que o bispo lhe sugeriu. Preparou dois textos e pediu a aprovação pontifícia para a congregação feminina e masculina.

Declara nos textos a finalidade das duas instituições, fixa direitos e deveres, descreve a ordem interna e o governo. Depois solicita a graça de poder abrir novas casas para confirmá-las na forma universal das congregações.

Para que tudo pudesse dar certo consultou pessoas prudentes e experientes, indo mesmo até Milão, e apresentou em seguida os textos ao bispo com o nome "Estatutos". Dom Valpré, em janeiro, volta de Roma com resposta negativa. É que havia ainda lacunas. Faltava clareza quanto às obrigações dos votos, quanto à formula dos votos temporários e perpétuos; faltava especificar as atribuições dos poderes do diretor geral e a separação das duas congregações.

Faz uma segunda tentativa. Corresponde com Roma através do bispo.

Escreve mais dois textos normativos com o nome de Constituições com data de 1899. Amplia os estatutos precedentes. Acrescenta longo memorial das origens das duas congregações para dar às autoridades uma idéia completa das instituições. Luís pedia que, se não fosse possível a aprovação, pelo menos fosse permitido por decreto que aspirantes ao sacerdócio pudessem ser ordenados. Em 1901 veio outra resposta negativa. Dom Valpré mostra a Luís os termos: “A sagrada Congregação não achou conveniente dar o decreto. É preciso definir claramente a finalidade e os objetivos das instituições e não se estender a qualquer exercício de caridade. Separação dos institutos e muita prudência na seleção e aceitação dos candidatos”. Isso significava a soma e a dor de mais uma decepção!

Luís pára por quatro anos. Com o esvaziamento das tensões políticas e levado por conselhos de pessoas autorizadas e, pela confiança em Pio X voltou ao caso. Muda o nome da congregação masculina para “Servos da Caridade”. Dedicase à elaboração dos novos textos que chama “Regras”, seguindo indicações e instruções do cardeal Gotti. Cuida dos pormenores: o pedido à Sagrada Congregação e ao cardeal Ferrata, o histórico do Instituto, o elenco das obras masculinas e femininas, o aspecto econômico das casas, o exemplo das cartas de recomendação aos bispos em cuja jurisdição se encontravam as obras e a cópia da aprovação expressa pela Sagrada Congregação em 1901.

Assim Luís voltou a pedir a aprovação uma terceira vez em junho de



1905. A resposta dessa vez foi dura. A Comissão, em 12 de março de 1906, vê nas palavras de Luís uma atitude de “descaso e de desobediência”. Mas não foi. Na verdade, o que houve foi uma interpretação errônea da Comissão.

Já fazia 10 anos que Luís tentava obter a aprovação. Eu gostaria de saber se existe no céu um santo que não tivesse sido teimoso nos casos das coisas de Deus! Há pessoas que apavorando-se, desistem. Há pessoas que, mesmo apavoradas, confiam. É o caso de Luís. Pois é, ele refez o processo uma quarta vez. O cardeal Ferrata indicou ao Padre Luís uma pessoa que podia encaminhá-lo para o fim da novela. “Olhe, — disse-lhe o cardeal — procure o redentorista Padre Cláudio Benedetti. Ele é consultor da Sagrada Congregação.

Vejam. Não obstante ter recebido a terceira negativa, no dia 24 de março de 1908, em Como, Padre Luís e mais 12 confrades emitem os votos, coisa que só é permitida aos que são reconhecidos pela Igreja. O acontecimento chamou a atenção por ser um fato curioso sob o aspecto jurídico. Mas tudo aconteceu por sugestão do Padre Cláudio Benedetti. “Ficou estabelecido que ele corrigiria as Constituições e as conformaria com as Normas da Sagrada Congregação”.

Ele representava a Santa Sé e agia em seu nome. Portanto todas as exigências já tinham caráter oficial. A cerimônia da profissão realizou-se segundo as Constituições recebidas e reordenadas pelo consultor Padre Cláudio Benedetti, dos redentoristas de Roma. Padre Leonardo Mazzuchi dá este testemunho: “Padre Luís foi

simples e humilde em suas palavras. Nem parecia ser ele. Suas palavras tinham o tom de sublimidade, vindas do coração. Suas palavras provocaram lágrimas e sentimentos de alegria e de gratidão que marcaram nossa vida”.

A mesma cerimônia se repetiu com os mesmos sentimentos em diversos outros lugares: em Milão, em Frata Polesine, em Roma e mais duas vezes em Como. Ao todo professaram 25 de votos perpétuos e 11 de votos temporários. Todos estavam conscientes de ter entregado suas vidas para uma realidade que marcava a Igreja. Perceberam que era o nascimento de uma congregação ágil e jovem, que saberá renovar-se constantemente no amor”.

Foi no mesmo dia 28 de março que se realizou o 1º Capítulo Geral da

Congregação em São Gotardo. Os padres capitulares eram quinze. Por unanimidade, Padre Luís é eleito o primeiro superior. Esse foi o primeiro passo para uma comunidade unida pelo vínculo da caridade dentro das perspectivas da Sagrada Congregação dos Bispos e Religiosos. Luís comunica o fato ao Padre Benenetti, e lhe diz: “Hoje, há anos que fui ordenado e peço abençoar-me a mim e a estas obras que espero sejam segundo o Espírito do Senhor. Quando Deus em sua misericórdia o quiser, espero que as duas congregações atinjam a meta proposta. Apraz-me dizer que eles me dão muita alegria e esperança”.

Ao voltar de sua viagem a Londres, Luís passa por Roma na primeira quinzena de outubro. A meta era uma audiência do papa. Quando, na sala,

de mãos postas e de joelhos, Luís murmurava as palavras “o vigário de Cristo”, o papa entra. Pio X aproximou-se dele, bateu-lhe no ombro e tomou-o pelas mãos. Em vista dessa familiaridade, nesse mesmo mês, outubro, Luís recebeu o presente que esperava receber há 12 anos. No dia 20, em Como, é publicado o decreto pontifício que aprovava como experiência por sete anos o instituto de Santa Maria da Providência.

Ao saber do ato da aprovação das Regras, Luís teve vontade de sair pelo mundo afora gritando: Venham todos comigo para agradecer ao Pai do céu! Venham todos comigo para entoar meu hino de ação de graças à Providência! Agradecer! Agradecer! Agradecer! Na alma de Luís tudo era festa e luz! Nenhum outro bem deste mundo, por mais que pudesse valer,

podia valer mais para seu coração do que essa graça! Bendito seja Deus pelo sem número de pessoas que ele pôs em meus caminhos para me apoiar e ajudar! À mente vêm-lhe o papa, os bispos, os padres, as Irmãs e um mundo de amigos e de admiradores. Numa carta ele disse ao padre Cláudio Benedetti: “Agradeço a Deus e a Vossa Reverendíssima que nas mãos do Senhor foi instrumento eficaz para obtermos esta graça. Espero pela hora de poder agradecer-lhe pessoalmente”.

Sem dúvida, tudo aconteceu com um final tão feliz porque confiar na Providência já era um verdadeiro hábito na vida do padre Luís!

Como se tudo isso não bastasse, Luís recebe ainda mais um presente. O Papa nomeia o Cardeal Domenico Ferrata para protetor das irmãs. A

notícia chegou logo aos ouvidos do padre Benedetti e este respondeu, acrescentando: “Será protetor também dos Servos da Caridade!” O protetor é uma grande vantagem porque sua função especial é de vigiar e estar sempre pronto para intervir a bem da congregação no caso de alguma surpresa de ordem jurídica e administrativa.

Em novembro Luís estava de novo em Roma para inaugurar uma capela em honra de Nossa Senhora da Providência e outras casas com abrigo e igreja que foram entregues aos cuidados dos padres e Irmãos da congregação. Até o Estado mais vezes se viu obrigado a pedir ao padre Luís que socorresse a população carente de diversos municípios da região. Com isso tinha-se a impressão de que o ano de 1908 havia posto um fim aos acontecimentos políticos de então.

Para quem ama, qualquer dor significa pedido de socorro. Quando Luís soube do terrível terremoto que houve em Reggio Messina, quis ir até lá com a velocidade do vento para socorrer. Foram 80 mil mortos, as vítimas do terremoto. Luís apenas pôde rezar e abrir suas casas para abrigar os infelizes. Sua vontade era a de estar pessoalmente perto de todos para chorar com cada um, para enxugar lágrimas, para apertá-los ao coração, enfim, para consolar e manter-lhes viva a luz da fé e a esperança no amor de Deus. Luís só não foi porque o padre Cláudio lembrou-lhe a promessa que fizera à Congregação dos Bispos e Religiosos: “Moderar o número de obras de beneficência e aumentar o número de pessoas para dirigi-las”. Luís vê nisso a vontade de Deus, e se sujeita. Ele se contentou em ofe-



recer o próprio coração a Deus como vítima para mitigar a desgraça e os sofrimentos dos flagelados. “Nós rezaremos por todos os que foram atingidos pela morte desta maneira tão trágica e tão inesperada.”

De Milão Luís escreve ao padre Benedetti: “Ofereci-me em Roma para abrigar os sobreviventes da Calábria”. Depois triste e comovido oferece ao cardeal e ao prefeito da cidade padres e irmãs para atendimento. Visita os lugares para onde os feridos foram recolhidos. Que tristeza, famílias inteiras destruídas! Que tristeza, propriedades e plantações perdidas! Que quadro desolador o pânico! Era preciso explicar e ter palavras certas para os que, desesperados, diziam: Por que nós?!



## 11. ALÉM FRONTEIRAS

Foi ótima a viagem que Luís fez aos Estados Unidos. Ele pôde conhecer a realidade do novo campo de trabalho. Mediu as condições. Refletiu em mil coisas de ordem técnica e funcional. Sobretudo rezou muito. Que Deus o iluminasse com seu Espírito. Viu muitas dificuldades futuras, mas sem se amedrontar. O impossível não existe para quem ama e confia!

Depois de muitas conversas, consultas e reuniões, fica acertado o envio de Irmãos para Chicago. Iriam seis. Luís não cessava de agradecer a Deus, pois via na fundação o imenso de sua misericórdia e prodigalidade. A congregação estava se transformando num roseiral. Que bom!

Por ocasião de um almoço fraterno em homenagem a Dom Tommaso Trussoni, recém, nomeado bispo de Cosenza, no dia 24 de abril de 1913, em Santa Maria de Lora, Luís apresentou as seis Irmãs que estavam de partida para Chicago. Estavam presentes muitos padres e Irmãs. Foram abençoadas pelo arcebispo para levar a caridade a país tão longínquo. Luís as acompanha até a hora da partida e lhes diz: “Convido a todas a agradecer ao Senhor o grande benefício com que lhes cumula, especialmente por abrir-lhes caminho para a missão na América”.

Sua alegria era tão grande que não se dava conta do cansaço e do peso dos anos. No dia três de maio de 1913, as Irmãs embarcam no Isernia em companhia do engenheiro Aristide Leonori. São elas: Rosa

Bartolini, Sofia Iametti, Giacominna Ravasio, Claudiana Bernasconi, Savina Andreotti e Martia Del Co. Claro, o adeus foi doloroso. Em todas as Irmãs se agitavam sentimentos de pesar, de esperança, de um reflorescer e de ternura, e um nó na garganta. A espontaneidade e a alegria não conseguiram superar os pensamentos que se atropelavam no coração de cada uma delas. “Estamos contentes e temos certeza de que esta viagem está nos planos misericordiosos de Deus!”

Mais tarde Padre Luís envia para, os Estados Unidos o padre João Colômbia pedido. A nota que segue é do padre Luís: “A partida de nosso coirmão para a América marcou o início de uma nova e prometedora expansão de nossa obra”. As Irmãs fo-

ram muito bem recebidas. Encontraram um coração aberto e sorrisos.

Já em junho Luís escreve ao engenheiro Leonori agradecendo a assistência que dera às Irmãs até Chicago e diz ter recebido notícias das “incansáveis”; que estavam bem e já dadas aos serviços nas creches e na igreja preparando refeições e confeccionando aventalinhos para crianças. Estão admiradas por terem sido escolhidas para essa tarefa tão humilde e tão simples no meio de pessoas que perderam “toda a religião”. Diziam elas: “Esta é a lógica do Senhor, fazer de nós instrumentos!”

Embora Luís tivesse tido boas notícias das Irmãs, podia esperar que um dia houvesse um problema qualquer. De fato. De repente chega carta de Irmã Rosa e do padre Colombi. Na carta dizem que as coisas não

corriam tão bem como fora combinado. Os bispos americanos teimavam em limitar a autonomia das Irmãs como se em tudo elas devessem depender de sua autoridade.

Luís revê os termos do acordo. Depois escreve ao padre Giácomo Gamberra, scalabriniano. Foi através dele que as Irmãs com o padre Colombi foram para os Estados Unidos. Ele então seria a pessoa mais indicada para tratar do assunto e compor a situação. Pediu a ele que alugasse uma casa para as Irmãs. Talvez assim se pudesse acabar com qualquer mal-entendido. Ao terminar a carta, diz: “Entendamo-nos como bons lombardos e bons irmãs”.





## 12. FIM

É Páscoa. Luís aproveita as festividades da Páscoa em 1915 para falar a seus filhos sobre a infinita misericórdia de Deus; diz que Cristo ressuscitado em nós é vida em plenitude; diz que por Deus tudo vale, também os casos de sofrimentos e de provações; pede orações para que os homens abandonem a loucura da guerra que sacrifica milhares de vida, destrói e instala em toda a parte o terror, a tristeza e a desolação; é preciso que os homens se tratem e vivam como irmãos; é preciso que queiram construir a paz sob a luz do Espírito de Deus.

Em abril, no dia 23, Luís reúne o Conselho Geral da Congregação. Na ocasião, diz aos padres: "Sinto aproximar o fim de meus dias neste mundo e quero deixar a vocês como he-

rança a confiança na Providência”. Depois dá instruções sobre a oração e insiste nas práticas da adoração. “Rezemos. A guerra é uma ameaça para a Igreja e também para nossa congregação”.

Quando chegou o tempo de seu jubileu sacerdotal, Padre Luís não quis nenhuma festividade. Só pensava no progresso e no bem de suas obras. Em julho alguns deputados quiseram homenageá-lo por suas obras de beneficência. A cerimônia para ele não significou nada; significou apenas que o Estado que antes pusera tantos obstáculos a suas obras, agora reconhecia que elas eram, de fato, um bem para o imenso mundo dos pobres e dos marginalizados.

Como a prever o fim que se aproximava, Luís apressa-se em visitar as casas. Por onde passava sempre tinha uma palavra de estímulo, de encorajamento, e dava sua bênção. Falou mais vezes do quanto importava a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Escreveu “Normas” para o bom funcionamento das casas e insistia na observância regular e vida interior.

Foi com sentimentos de poeta que ele quis ver o filme de toda a sua vida, lembrando a infância, os montes, os caminhos, os pais, os amigos, o colégio, enfim, todos os lugares que foram palco de suas alegrias, de seus sonhos, de suas lutas e de suas esperanças.

Depois de visitar as casas em Roma, passa ainda por Frata Polésine, onde demonstra às Irmãs

admiração e diz palavras de gratidão pelos serviços prestados aos pobres. Diante de uma imagem de N. Senhora com a alma em êxtase, quase cantando, diz: “Como é linda!”

Chegando a Como, ele se expande. Sente-se em casa. Um dia quis antecipar o almoço para tomar o navio que o levaria a Menaggio. Enquanto almoçava, chegou o pintor Mantegazza que o convenceu a deixar a viagem para mais tarde. Luís concordou. Foi durante esse almoço que aconteceu o mal que o levou a pôr um ponto final suas atividades. Padre Luís deixou cair os braços. Emudeceu. Então começou para ele o último trecho de seu calvário que durou um mês de dores e de penas.

Com a doença do padre Luís, começou a corrida atrás de mil recursos humanos para salvá-lo. Todos achavam

que ele não podia morrer; que sua vida era necessária para consolidar a congregação nascente; que devia viver para não haver desistência nem dispersão de forças das pessoas, padres e Irmãs, que estavam unidas a ele para construir um mundo de esperança e de felicidade para milhões de infelizes, deficientes físicos e mentais, crianças, idosos, inválidos e desamparados de todas as idades.

Não é nenhum mal pedir a Deus que deixe viver por mais tempo as pessoas que amamos! Por isso é que milhões de orações e súplicas subiram aos céus todos os dias pedindo saúde, força e menos sofrimentos para o padre Luís.

Todos os recursos foram em vão. Médicos de fama, até de Milão, disseram que o caso era irreversível. A ciência não podia fazer nada. Padres

e Irmãs, além de orações, todos queriam permanecer perto de Luís como a querer guardar como preciosa relíquia cada palavra que saísse de seus lábios.

A notícia da doença do Pe. Luís se espalhou rápida e veloz por todos os cantos da Itália. Para milhares de visitantes que vinham vê-lo era difícil conter as lágrimas, e não ver um santo naquele que em outros tempos muitos chamavam de “louco” e “sonhador”. Até nas lágrimas que padre Luís ainda chorava, havia um quê de quem, meigo e bondoso, evangeliza e anuncia o amor.

Foi muito comovente a visita de Dom Orione. A conversa entre os dois foi só de coisas de Deus; de aceitação de sua vontade; que a ele cabe dispor de nossa vida como lhe apraz.

O Papa Bento XV envia telegrama

com palavras de pesar e bênção. Muitos cardeais e bispos vêm pessoalmente visitá-lo. Dom Valpré e Dom Archi querem ter notícias dele todos os dias. Dom Ferrari exalta suas virtudes e suas obras. Superiores de diversas congregações religiosas e sacerdotes de muitas dioceses rezam pelo pronto restabelecimento do querido padre Luís. Que falar da multidão dos assistidos nas creches, orfanatos e asilos fundados por ele?

No dia 11 de outubro, Padre Luís recupera um pouco a lucidez e deseja deixar uma mensagem a seus filhos: “A Providência quer nos conceder graças extraordinárias por esta doença para o instituto. O que eu sofro é para mim caminho do céu. Estou nas mãos de Deus. Ninguém é necessário neste mundo. Ajudem-me a rezar e a sofrer”. Outras vezes se lembrava de

falar das casas para dizer que tinha todos em seu coração e em suas orações. Da cúria veio este telegrama: “Com tristeza vemos ameaçada a vida do pai de tantos pobres abandonados e provados pelas desgraças; o bom Pai do céu o conserve”.

Dia 22 de outubro Luís dá sinal de querer comungar. Imaginem a oração que ele fez nessa sua última comunhão: “Muito obrigado, Senhor! Foi na gratuidade do amor do Pai e do Espírito Santo que me fizeste ser para os pobres o amor que tu sempre foste para mim!”

Podemos imaginar o que os padres, Irmãs e todos os amigos do padre Luís pediam a Deus em suas orações: “Bom Pai do céu, Senhor da vida, conservai a vida do bom padre Luís. Há muitas coisas que ele ainda sonha realizar. Morrer seria o fim de



mil coisas a serem feitas para o bem dos pobres e dos abandonados. Ele não pode morrer!”

Todos têm seu tempo de morrer. Então quando chega esse tempo a morte vem e sem perguntar leva, mesmo que se trate da pessoa mais querida de nossos corações. Não importa saber quantos são os anos de vida que temos para viver neste mundo. O que importa é que façamos todo o bem que podemos fazer durante os anos de vida que Deus nos dá para viver. Foi assim que os santos pensaram e foi assim que viveram, uns poucos, outros, muitos anos. A preocupação de todos foi a de viver como Cristo e de pôr-se como ele a serviço dos irmãos mais necessitados. De fato, Deus não olha para a dimensão das obras que fazemos. Olha o quanto foi a medida de

amor com que fizemos as coisas mais pequenas. É isso que ele irá cobrar de cada um no dia do Juízo. Ele perguntará: “Que fizeste quando me viste com fome, com sede, nu, ao relento, doente, preso?” Ai de quem então se apresentar com desculpas! Nem mesmo os pobres poderão desculpar-se. Qual é o pobre que não pode dizer uma boa palavra? Qual é o pobre que não pode dar um sorriso? Qual é o pobre que sempre está vazio de qualquer bom sentimento?

Pois é, também para o Padre Luís chegou o tempo de morrer: foi no dia 24 de outubro de 1915 que seus olhos se fecharam para abri-los de novo só na Pátria. Por tudo o que ele fez e pelo amor que ele foi em vida, soa bem o que todos diziam após sua morte: foi um santo que morreu!



*Urna com o corpo do padre Luís Guanella,  
em Como*



### 13. O TRIUNFO

O enterro de Luís foi uma apoteose. Seu desejo, por certo, seria sair deste mundo nas pontas dos pés, sem chamar a atenção de ninguém porque sempre quis trabalhar na sombra, isto é, na humildade. Sua grandeza e importância veio de seu amor aos “últimos” e dos serviços que lhes prestou de olhos no céu sem pensar em receber nada em troca. Trazia fixas na lembrança as palavras de Jesus: “Quando ofereceres um banquete, convida primeiro os pobres”, e também: “Quem recebe um pequenino em meu nome é a mim que recebe”. Podemos aplicar a Luís as palavras que um poeta escreveu: “Minha maior paixão é plantar jardins e oferecer flores”. De mais a mais, o modo de Luís agir nos autoriza a imaginá-lo

dizendo: “Ninguém precisa ser dono do jardim para oferecer rosas e ninguém precisa ser dono do céu para levar felicidade”.

A grandeza de Luís não veio do espetacular. Veio do interior, da bondade de seu coração. O que aos olhos dos homens parece ser nada é uma estrela que Deus acende no céu! Luís, além de ser de uma atividade fora do comum, era cheio de zelo apostólico. Não é, pois de estranhar que seu enterro tenha sido uma apoteose. De simples padre montanhês que era teve um enterro de reis! Sua morte deixou um vazio não só no coração de cada um de seus filhos espirituais. Foi luz que se apagou para toda uma cidade e para diversas regiões da Itália. Do mais humilde dos fiéis até ao papa, todos o choraram com muita tristeza e profundas saudades.

Do presidente da Câmara de Como, a Casa da Divina Providência recebeu esta nota: “As inúmeras instituições criadas pelo Padre Luís e mantidas por seus padres e Irmãos o fazem sobreviver à morte e o fazem merecedor de mil títulos dignificantes. Ele sobrevive no fruto de suas obras, na grandeza e utilidade pública de seus feitos, na gratidão de uma fila imensa de beneficiados, órfãos, idosos, indigentes e redimidos da brutalidade da sociedade. Esta casa participa do pesar e dos sentimentos de dor que ora afligem o povo desta cidade”.

Comparecem também muitos eclesiásticos, homens públicos, da cultura e administrações públicas. Saiu de alguém esta nota: Agora compreendemos o que significou para a Igreja e para a sociedade o

‘cabeça quente’, o ‘louco’, o padre montanhês. Lamentamos o fato de termos errado e bendizemos a Deus que fez dele um exímio e santo executor de sua vontade divina”.

Numa infinidade de telegramas e cartas, cardeais, bispos, clero de diversas dioceses e uma multidão de fiéis, entanto que tristes pranteavam, cantavam as maravilhas do Senhor na vida do incrível, bom e inesquecível padre Luís. Durante três dias o corpo de padre Luís foi velado na igreja. Veio gente de todas as idades. Tinha-se a impressão de que a dor que havia no rosto de cada um era igual à dor de alguém que, de tanto sofrer, ficou sem ter mais lágrimas para chorar.

O corpo do padre Luís ficou três dias na igreja para a visita não só dos comascos, mas de todos os que pu-



deram chegar até a cidade para prestar homenagem ao santo amigo dos pobres. Depois do terceiro dia seu corpo em cortejo fúnebre foi levado para os funerais na catedral. O cardeal fez questão que os funerais fossem ali. O caixão e o carro fúnebre com serviços de pagens e de guardas foram oferecidos pela prefeitura. Quem pontificou foi o cardeal com os bispos de Como, Lugano, Lodi, de Adria e Rovigo. As ferrovias do Norte facilitaram aos fiéis chegar em tempo com horários extraordinários.

No dia 28 os sinos tocam o toque de saudades e de despedida. O corpo do Padre Luís é levado para o Santuário do Sagrado Coração. Na porta do Santuário Dom Carughi pôs esta inscrição: "A oração de tantos abandonados acompanhe junto

de Deus a alma amorosa e forte de padre Luís que faleceu com 73 anos. Que sua imagem se perpetue nos Servos da Caridade e nas Filhas de Santa Maria da Providência”.

Ao falar na catedral, Dom Ferrari lembrou o elogio que São Paulo fez à caridade e afirma que essa caridade esteve, em detalhes, bem retratada na vida do padre Luís. Disse ainda que se Luís fosse interrogado sobre o nome com o qual gostaria de ser chamado certamente ele responderia: digam “Servo da Caridade”.

Em toda a parte durante muitos dias houve exéquias solenes em homenagem ao querido padre Luís. Na missa do 30º dia repetiram-se todas as solenidades e nos discursos Luís foi chamado “gema do clero comasco”, “homem da bondade”, “graça e alegria dos pobres”, “homem de Deus”.

Gosto do ditado popular que diz: “Sempre fica um pouco de perfume nas mãos que entregam rosas!” Pois é, os anos se passaram e até hoje milhares de fiéis vêm rezar diante do túmulo do padre Luís. É que, deliciados, sentem exalar de seu túmulo o “bom perfume de Cristo” que foi sua vida. Dizem que a voz do povo é a voz de Deus. Tanto isto é verdade que 50 anos após sua morte a Igreja na pessoa do Papa Paulo VI proclamou Bem-aventurado o Padre Luís, em solenidade pública na praça de São Pedro, em Roma, no dia 25 de outubro de 1964. Também o papa João Paulo II, falando no dia 29 de janeiro de 2000 aos Servos da Caridade e às Filhas de Santa Maria da Providência reunidos em Capítulo Geral em Roma, lembrou o santo fundador: “A vida só tem sentido se ela,

em Cristo, é amor e serviço aos pobres. O luminoso exemplo de vosso fundador, o Beato Luís Guanella há de vos levar a escolher como critério fundamental do vosso ser e agir o mandamento do amor transformado em ações concretas aos mais pobres. Isto vos fará estar presentes nas fronteiras da caridade com plena confiança na Providência!”

E nos céus os anjos, em coro, dizem três vezes: Amém! Amém! Amém!



*Nossa Senhora da Divina Providência*



## 14. ESPIRITUALIDADE

Quem lê a vida do padre Luís encanta-se e, ao mesmo tempo, espanta-se. Encanta-se porque se vê diante do admirável. Espanta-se porque se vê diante do incrível.

O padre Luís, além de fundar duas Congregações religiosas, de construir igrejas e oratórios, de fundar creches e asilos, tudo isto no meio de enormes dificuldades e obstáculos, ainda achou tempo para escrever. O acervo de seus livros é grande. Vejam. De 1881 a 1891 ele publicou 50 livros. Se partirmos desta data até o ano de sua morte, 1915, o número aproxima-se de 100. Todos os seus escritos primam pela simplicidade de linguagem e pela riqueza de doutrina e espiritualidade. Há livros que tratam de temas preferidos, mas se

somarmos tudo veremos que a gama de assuntos é tão rica e tão diversificada que leva àquilo que chamamos fantástico! Eis alguns temas de seus livros: medicina, música, literatura, história, oração, religiosidade popular, pastoral, vidas de santos, devocionários, formação religiosa, regulamentos, estatutos, regras, cartas circulares etc. Sabemos ainda que existem 3.200 cartas escritas a seus congregados que provavelmente um dia serão publicadas!

Luís não quis nem pensou em escrever livros para catedráticos e luminares. Seus escritos podem ser chamados de “pão em migalhas” ou “óleo na chama”. Ilustra todos eles com exemplos e testemunhos em forma de parábolas. No geral de seus livros, sem intencionar, ele se deixa ver ora como alguém que bebe da fonte, ora



como alguém que longe, no tempo e no espaço, alça vôo ao sublime como faz um místico em contemplação. Mais do que uma sabedoria que, às vezes, incha, ele ensina um amor que sublima e santifica.

Sobre o homem Luís mostra ser ele fraco com tendências para o mal; vive à mercê das paixões que o impelem à cobiça e à ganância e a querer sempre mais, além do necessário e do justo. O homem é capaz de deixar-se levar pelas paixões e vícios até ao excesso. Nada o salvaria se não fosse o amor de Deus que nunca deixa de ser amor, mesmo em se tratando dos piores seres. Luís procura dar à misericórdia de Deus uma paternidade quase humana. Para levar as pessoas a entender a ternura de Deus Pai usa de expressões e palavras que tocam a razão e o coração. “Os passarinhos

do céu não semeiam nem colhem em celeiros, e o Pai do céu não lhes deixa faltar o alimento. Vede os lírios dos campos; nem Salomão se trajou como eles". Deus não fez nada à toa. Tudo o que existe de grande e de insignificante é manifestação de seu amor aos homens. Na parábola do filho pródigo Luís lembra que o filho, ao voltar, pensou no castigo e o pai, que podia castigar, amou!

O pecado acabou com a felicidade do homem na terra, mas Deus inventou um modo de salvá-lo. Envia à terra o Filho, Jesus. Deus que fez o homem à sua imagem e semelhança, para salvá-lo, quis fazer-se imagem e semelhança do homem. Isto aconteceu na pessoa de Jesus. Numa palavra, a Encarnação é Deus que, em Cristo, quis ter um lugar na terra para que o céu pudesse caber no coração

do homem! Luís lembra o presépio, Belém, Nazaré, o Calvário, a morte de cruz. Cita o apóstolo dizendo: “Não fostes comprados com ouro nem de prata, mas com o sangue de Cristo”.

É pela oração e contemplação que descobrimos os mistérios de Deus e nos tornamos seus íntimos. Sem vida de oração o homem se esvazia e aos poucos chega ao fastio da vida e ao tipo de solidão que mata. Luís insistia na oração de adoração e de confiança como se quisesse afirmar: rezar só para pedir significa pouca coisa aos olhos de Deus. Sabemos que todos os miraculados dos evangelhos pediam, mas, de joelhos e adorando. Por isso recebiam!

Luís foi notável na oração. A oração foi o seu forte. Todos os muitos e grandes problemas que teve em vida

ele os resolvia de mãos postas e recolhido em prece. Rezava para adorar, agradecer e pedir. Rezava para não decepcionar; para nunca deixar de ser bom; para nunca ser omissos; para amar a pobreza de Cristo no serviço aos pobres; para saber doar-se e perdoar; para sentir-se amado, mesmo na dor; para lembrar-se, na dor, do amor de Cristo na cruz. Cria nas palavras de Cristo: “Tudo o que pedirdes a meu Pai em meu nome recebereis”.

Sem fé o homem não vive. Vegeta. Sem esperança o homem sucumbe ao peso da vida. Sem amor a vida se limita no tempo e nunca chega a ser plenitude. Ter fé significa deixar-se iluminar. Ter esperança significa certeza de receber. Ter caridade significa ser tudo para todos e ser todo de Deus por amar. Luís tinha sempre

diante dos olhos e no coração palavras da Escritura tais como: “O meu justo vive da fé”, “Ninguém espera no Senhor em vão”, “Fui eu que te amei primeiro”.

Ninguém entra no céu de graça. Isto significa: não há caminho que leva ao céu que não passe pelo calvário. Todo ser humano deve pagar tributo à dor. Não há nenhum santo no céu que tenha sido um privilegiado. Há dias em que nos sentimos tão bem que gostaríamos que o tempo não passasse e há dias em que apenas um instante de dor parece ter o tamanho do infinito. Sofremos em todas as idades, na infância, na juventude, na velhice. Sofremos no corpo e no espírito. No corpo, dores físicas. No espírito, mágoas, tristezas e aflições. Sofremos por causa das limitações e por causa das maldades no

mundo dos homens. Sofrer por sofrer é loucura. Sofrer unido às dores de Cristo é que redime!

No sofrimento padre Luís teve sempre uma postura, diria eu, de místico. Não foi pouco nem por pouco tempo que ele sofreu toda a sorte de penas até o momento de sua morte. Perseguições, incompreensões, pobreza, perigos, ironias, decepções e mais umas tantas coisas desse matiz foram a sua cruz. Quase que brincando ele costumava responder às críticas que lhe faziam: “É melhor ser Pedro na prisão do que ser Paulo no céu!” Aceito que alguém me diga que seu lema teria sido este: amar e sofrer; sofrer, se for para amar; amar, mesmo que seja para sofrer! Por isso, na paz, ele pôde ter a santidade ao alcance de suas mãos!

Os santos também se apaixonam. Apaixonar-se significa desejar ter sempre diante os olhos a pessoa amada e sentir que quanto mais os olhos a vêem mais bela ela se torna e mais ardentemente deseja amá-la. É o caso dos grandes devotos de Maria: Santo Afonso Maria de Ligório, São Bernardo, São Bernardino de Sena, São João Bosco e muitos outros santos e santas. O amor do Padre Luís por Maria também foi paixão. Em tudo mirava-se nela. É que mirar-se na Mãe é ver melhor o rosto do Filho! Nenhum pecador morre no pecado se ama a Maria. Ela além de amar, ensina a amar. De fato, o amor é tudo. As coisas mais estupendas, se feitas sem amor, podem levar à admiração, mas nunca à perfeição. Que amor no “sim” de Maria! Que fidelidade no amor de seu “sim!” Que

tranqüilidade e segurança Maria transmitiu aos discípulos quando eles, no cenáculo, temiam morrer! Que filho não vê beleza em sua mãe? Eu não me refiro só à beleza do rosto. Antes refiro-me à ternura do coração. Uma vez aconteceu – conta um biógrafo – que diante de uma imagem de Nossa Senhora, padre Luís exclamou quase em êxtase: “Como ela é linda!” Que outra coisa o teria levado ao êxtase que não a contemplação da ternura? É difícil andar pelos caminhos do filho sem deixar-se guiar pelas mãos da mãe! Não há vez que o padre Luís tenha se dirigido aos seus sem se referir à Maria, sem recomendar a devoção à ela e sem confiar a sua proteção a congregação e as suas obras. Amar a Maria é predestinar-se a ser amado como o Filho!



Havia um lugar onde o padre Luís, mesmo no meio de multidões, não se confundia e, mesmo estando só, não se sentia na solidão. Era o sacrário. Não foi só uma vez nem duas que ele foi visto, de joelhos, passar noites inteiras junto do sacrário. Certamente era ali que ele buscava luz, força e inspiração para viver o seu dia a dia junto dos pobres e dos “últimos”; era ali que ele conhecia melhor os caminhos por onde andaram os passos de Jesus; era ali que ele se sentia filho à mesa onde o próprio Senhor é que serve e se faz pão e bebida para os comensais; era ali que ele se sentia, ao mesmo tempo, mais de Deus e mais vida de Deus para os irmãos. Eis as palavras de Jesus que não fugiam à mente de Luís: “Os vossos pais comeram o maná no deserto e morreram; quem comer de minha carne e

beber de meu sangue viverá eternamente”, e a do apóstolo Paulo: “Eu vivo, mas não sou eu quem vive; é Cristo que vive em mim”.

Custa crer, mas a Eucaristia é, de fato, um dom maior do que a criação. A criação é amor de Deus no tempo. A Eucaristia é amor de Deus antes mesmo de existir o tempo. Na criação Deus fez a vida sair do nada. Na Eucaristia Deus faz a vida ser amor. Cristo é o maior presente do amor do Pai aos homens. A Eucaristia é o maior presente de Cristo aos que, crendo nele, amam o Pai no amor do Espírito Santo. É com estas convicções e firmeza na fé que Luís ensinava e vivia o lava pés, o amai-vos uns aos outros, a comunhão de vida, a partilha, a graça, a fraternidade, a gratuidade e a alegria do perdão. São Paulo dizia aos fiéis

de seu tempo: “Renovai-vos em Cristo!” Isto significa: Não há vida nova sem a dor da cruz de Cristo e não há vida em Cristo sem o amor à Eucaristia!

Que comovente era a missa do padre Luís! Muitos já se converteram só pelo fato de ver o modo como o padre se porta no altar. Para o padre Luís o altar era o lugar das mais íntimas confidências com Deus. O tempo de sua missa sempre foi um tempo de profunda adoração. Nunca foi rotina. Era ponto central de sua vida. Era o momento propício para ele fazer de suas palavras, gestos e ações a mais santa memória da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. Era a chama que, amando, queria manter sempre acesa. Acreditava estar certo quem disse: “A consagração do pão e do vinho é um fato

mais admirável do que o poder de carregar o mundo na palma das mãos!”

Padre Luís foi de uma atividade sem par. Para dizer a verdade, não conheço um padre que tenha se dedicado com tanto afincamento a tantas obras quanto ele. Nos seus 40 anos de sacerdócio só a custo de muitos rogos e por ordem médica é que tirou algum tempo para um descanso. Não obstante, foi sempre um homem de Deus. Dizem que as atividades quando são muitas cansam o corpo, levam ao esgotamento, ao estresse e ao enfarte. Há mil casos que comprovam a verdade desta afirmação. Com razão dizem os mestres da espiritualidade cristã que entregar-se em demasia às atividades exteriores é correr o risco de perder o sentido do sobrenatural e de cair no esvazia-

mento interior. Não é caso do padre Luís que, sabedor do perigo, insistia aos seus: trabalho e oração!

Padre Luís teve defeitos? Teve. Muitos e grandes? Isto não importa saber. Quem quiser saber peça a Deus que lhe mostre o livro da Vida! O que importa saber é o seguinte: a quem ama, os defeitos, mesmo sendo muitos e grandes, são apenas um pouco de escuridão que desaparece quando, toda bela, surge a luz!

Uma das grandes alegrias do padre Luís foi a sua amizade com o Papa Pio X. Este o admirava, ajudava e mais vezes o convidava para audiências até mesmo fora do horário. Um dia, já ao pôr do sol, os dois conversavam e trocavam experiências nos jardins do Vaticano. Era 17 de dezembro de 1913. De repente o papa se sai com esta pergunta: – Luís, você

consegue dormir com tantas preocupações e tantas dívidas? – Sim. – Mas, qual é o segredo?

– Santidade, até a meia noite penso eu, depois deixo que pense Deus! Eis o segredo: a Providência!

De fato, toda a história da Obra do padre Luís é uma história da Providência. Ele fala: “As casas que começavam sem nada eram as que mais prosperavam. A nossa Instituição tem o nome de Providência porque tem fé. A Providência é que leva a nossa instituição a manter-se e a difundir-se”. Eis uma expressão muito original do padre Luís: “Eu tenho a Providência no bolso”. Com isso ele queria falar da certeza que tinha da intervenção divina sempre na hora certa e de maneira certa, que nenhum ser humano poderia calcular. Três alavancas é que moviam a Providência:

fé sem limites, esperança sem duvidar, caridade sem distinções. Dê-se muito e de boa vontade para que se realizem as palavras divinas: “Daí e vos será dado”. É verdade o que li de espiritualidade: “Tudo o que as tuas mãos entregam com amor voltará ao teu coração como bênçãos de Deus!” É real este fato: Padre Luís não sabia quantos eram os seus assistidos, quanto dinheiro entrava nem quanto saía. São palavras dele: “Vocês devem acreditar nas palavras de Jesus: A fé remove montanhas!”

Mas, que é a Providência? É o cuidado amoroso que Deus tem de tudo o que ele criou, seres e coisas. Que é crer na Providência? É crer que Deus nunca falha; que ele faz com que tudo concorra para o nosso bem; que ele quer para nós só o bem; que ele quer que sempre nos aconteça o me-

lhor; que o melhor para nós é o que ele dispõe. Que é que Jesus queria dar a entender quando disse: “Os passarinhos do céu, não semeiam, não colhem nem têm celeiros”... e “Vede os lírios do campo; nem Salomão se trajou como um deles!” Ninguém esqueça isto: Deus tem modos de nos atender que nós não entendemos!

Mas a Providência exige fidelidade. Não é simples convite à passividade nem à preguiça. Deus promete tudo o que é bom e todo o bem, mas não dispensa ninguém de fazer o que pode. Quanto aos homens nem sempre podemos confiar. Quanto a Deus nunca podemos desconfiar. São palavras de Cristo: “Nenhum pai dá escorpiões ao filho que pede o pão”. Está revelado que Deus em nenhum caso se deixa vencer em generosida-



de. Mal comparando, vejam a roseira: se lhe tiram uma rosa, ela faz florir outras mais e mais bonitas!

Gosto do que cantam em nossas igrejas: “Segura nas mãos de Deus e vai”. O salmista diz coisa mais profunda: “Senhor, eu sei que tu me sondas, me conheces e me segues; se subo até aos céus, eu sei que ali te encontro; se desço ao fundo dos abismos, ali também me amas!”

Da vida do padre Luís eu concluo: Deus me ama para que eu veja que, por mais que eu ame, posso amar mais. Fantástico!



## 15. NO CÉU

O céu é o bem que fica muito além de tudo quanto podemos imaginar; é o bem que fica muito além de tudo quanto podemos querer. Não há palavras que possam exprimir quanta é a felicidade no céu e não há céu onde a felicidade deixa de ser vida com Deus. Quem entra no céu deixa de ser amor no tempo para ser em Deus só amor na eternidade. Quem entra no céu por amar nunca mais deixa de ser amor.

Temos certeza de que padre Luís está no céu. Ele sempre quis ser todo de Deus para nunca deixar de ser dos pobres; quis ser dos pobres para nunca deixar de ser como Cristo; quis ser de Cristo para nunca deixar de ser de todos; quis ser de todos para nunca deixar de ser irmão; quis

ser alma e coração para nunca deixar de amar; quis amar para nunca deixar de ser todo de Deus na terra e para ser o que Deus é para todos no céu!

Com o padre Luís no céu podemos querer e pedir que ele obtenha para nós firmeza na fé, certeza na esperança e alegria no amor. Ele plantou árvores que dão frutos e sombra. Abriu caminhos. Acendeu luzes. Foi mãos que abençoaram. Foi braços que amparam. Foi altar e oferenda. Foi paz e alegria. Falou como profeta. Foi Marta e Maria. Enfim, ele foi de todos e todo de Deus por amar!

Sem dúvida, ele há de obter para nós as graças que pedimos. Se for para querer dele ainda uma mensagem é certo que ele nos dirá: *AMAR É MAIS DO QUE EXISTIR!*

**Oração pela Canonização  
do Bem-aventurado  
Luís Guanella**

Senhor Jesus, que viestes sobre a terra para oferecer o amor do Pai e ser sustento e conforto aos pequeninos e aos sofredores, vos pedimos que glorifiqueis sobre a terra vosso Servo fiel, o Bem-aventurado Luís Guanella.

Fazei com que o exemplo da sua santidade possa resplandecer em todo o mundo para a glória de Deus Pai e para o socorro do povo cristão.

Concedei-nos poder imitar suas virtudes: a ardente piedade para com a Eucaristia, a confiança serena na Providência, a caridade terna para com os pobres, a paixão pastoral por vosso povo, para que, juntos com ele, possamos receber o Reino que preparastes para nós na casa do Pai. Amém!

**Rezar:** Pai-Nosso; Ave-Maria; Glória-ao-Pai.



## **BIBLIOGRAFIA**

Vasco Lucarelli, *Padre Guanella, um contemporâneo atraente*, Gráfica Editora Pallotti.

Lia Carini Animandi, *Pelos caminhos do quarto mundo*, Gráfica Editora Pallotti.

